

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LUCIA HELENA DOS SANTOS ALVES

**INDISCIPLINA ESCOLAR EM FOCO: PROPOSIÇÕES INTERVENTIVAS POR
PARTE DA EQUIPE GESTORA DA ESCOLA**

**Jaguarão
2015**

LUCIA HELENA DOS SANTOS ALVES

**INDISCIPLINA ESCOLAR EM FOCO: PROPOSIÇÕES INTERVENTIVAS POR
PARTE DA EQUIPE GESTORA DA ESCOLA**

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes

**Jaguarão
2015**

LUCIA HELENA DOS SANTOS ALVES

**INDISCIPLINA ESCOLAR EM FOCO: PROPOSIÇÕES INTERVENTIVAS POR
PARTE DA EQUIPE GESTORA DA ESCOLA**

Relatório de Intervenção apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

Relatório defendido e aprovado em: 7 de março de 2015.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes
Orientador
UNIPAMPA

Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira
FURG

Prof.^a Dr.^a Silvana Maria Gritti
UNIPAMPA

Dedico este relatório aos meus filhos, meu neto, aos professores Jeferson Francisco Selbach, Glaucia Figueiredo, Arlete Salcides, Gomercindo Ghiggi e Lucio Jorge Hammes, por serem referências no trabalho docente, e a todos que foram minha inspiração, pelo apoio e amizade.

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos Daniel, Camila, Marina e ao meu neto Ariel Boaz, que me trouxe o reencantar da vida que segue.

Aos meus familiares, pais, irmãos e irmã, por estarem sempre junto de mim.

Em especial a minha Dinda Therezinha Quintella, Pedagoga e Orientadora Educacional, a qual me inspirou com sua força e garra de enfrentar tudo na vida com determinação e coragem.

Aos professores do programa, em especial ao meu orientador, Professor Lucio, por acreditar na minha capacidade.

A Deus, por me deixar cada dia mais forte.

As minhas colegas Alexsandra, Silvana, Alcina, Elsa e Elisa, que dividiram tempo e quarto, apoiando-me sempre com palavras carinhosas e motivadoras de persistência aos desafios que se apresentaram ao longo desse processo.

Aos professores e alunos do colégio em que trabalho, que me auxiliaram nessa pesquisa.

Enfim, a todas as pessoas que contribuíram diretamente ou indiretamente com a Educação.

A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca (FREIRE, 1996, p. 64).

RESUMO

O Relatório Crítico Reflexivo é a sistematização da proposta de intervenção desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão/RS que foi oferecido a professores em cargo de gestão estejam atuando na rede de Educação Básica onde realizaram um Projeto de Intervenção em seus ambientes profissionais. O Orientador Educacional desenvolve ações constantes de intervenções tanto para a sala de aula num trabalho coletivo, como individualmente, atendendo todos os sujeitos que fazem parte desse contexto, mediando as relações que se estabelecem no ambiente escolar. Assim, este trabalho traz um relato das ações realizadas como Projeto de Intervenção sobre Indisciplina aplicado em julho de 2014 no Colégio Gonzaga da cidade de Pelotas, que teve como pesquisa diagnóstica a exclusão de sala de aula de alunos da sétima série do Ensino Fundamental. O motivo que levava os professores a essa ação de retirada dos alunos era por considerá-los “indisciplinados”. O projeto executado teve como objetivo principal instrumentalizar os professores de conhecimentos e estratégias redefinidos pelo próprio sujeito ao entrar em contato com a temática. A metodologia utilizada para as ações foi a roda de conversas. Esses procedimentos utilizados na roda de conversas, que são pautados no diálogo, encontraram respaldo também no teórico Freire, o qual aponta que o diálogo firma-se como essência da práxis educativa problematizadora, em que os sujeitos se humanizam através da palavra.

Palavras-chaves: Indisciplina. Diálogo. Autoridade. Formação.

RESUMEN

El Informe crítico reflexivo es la sistematización de la propuesta de intervención desarrollado en la Maestría Profesional en Educación de la Universidad Federal de Pampa - Campus Jaguarão / RS que se le ofreció el puesto de gestión en los docentes están actuando en la red de la Educación Básica, que ha mantenido un Proyecto de Intervención en sus entornos profesionales. El Consejero de la dirección desarrolla acciones contenían intervenciones, tanto para el salón de clases en una obra colectiva o individualmente, que asisten a todas las asignaturas que forman parte de ese contexto, la mediación de las relaciones que se establecen en el entorno escolar. Este trabajo da cuenta de las medidas adoptadas como Proyecto de Intervención en la indisciplina aplicada en julio de 2014 a la universidad de Gonzaga en la ciudad de Pelotas, que tuvo como diagnóstico clase eliminación de investigación de estudiantes de séptimo grado de la sala de la escuela primaria. La razón que llevó a los maestros a los estudiantes de esta acción fue retirada, por considerar que "indisciplinados". El proyecto de ejecución como objetivo dotar a los profesores con conocimientos y estrategias redefinidas por el propio sujeto en contacto con el tema. La metodología utilizada por las acciones fue la rueda de conversaciones. Estos procedimientos utilizados en la rueda de conversaciones que se basan en el diálogo, también encontraron apoyo en el teórico Freire, quien señala que el diálogo se establece como la esencia de la práctica educativa basado en problemas en los que los sujetos se humanicen por palabra.

Palabras clave: Indisciplina. Diálogo. Autoridad. Formación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Turma 171 conforme o Gênero.....	24
Figura 2 – Turma 172 conforme o Gênero.....	25
Figura 3 – Turma 173 conforme o Gênero	25
Figura 4 – Turma 174 conforme o Gênero.....	26
Figura 5 – Turma 171 conforme o Motivo.....	26
Figura 6 – Turma 172 conforme o Motivo.....	27
Figura 7 – Turma 173 conforme o Motivo.....	27
Figura 8 – Turma 174 conforme o Motivo.....	28
Figura 9 – Turma 171 conforme o Componente Curricular.....	29
Figura 10 – Turma 172 conforme o Componente Curricular.....	29
Figura 11 – Turma 173 conforme o Componente Curricular.....	30
Figura 12 – Turma 174 conforme o Componente Curricular.....	30
Figura 13 – Fotografia do Curta-Metragem Ex-ET.....	39
Figura 14 – Imagens de uma das ações desenvolvidas.....	39
Figura 15 – Fotografia da Árvore dos Sonhos.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de alunos e professores em 2013.....	22
Tabela 2 – Matriz Curricular 2013 do Ensino Fundamental (séries finais).....	23
Tabela 3 – Conselhos de Classe.....	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPP - Projeto Político-Pedagógico

SCT - Serviço de Coordenação de Turno

SOE - Serviço de Orientação Educacional

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
1 CONCEPÇÕES TEÓRICAS ACERCA DA INDISCIPLINA.....	16
2 METODOLOGIA	20
2.1 Contexto da intervenção.....	20
2.2 Análise da intervenção	22
3 INTERVENÇÃO E AÇÕES REALIZADAS.....	34
4 ROTEIRO DAS AÇÕES INTERVENTIVAS.....	38
4.1 Primeira Ação: Vídeo “Ex-ET”, uma alegoria sobre a normalização e a medicalização da diferença.....	38
4.2 Segunda Ação: Muro das Lamentações.....	39
4.3 Terceira Ação: Árvore dos Sonhos.....	43
4.4 Quarta Ação: Tijolo em Branco.....	46
4.5 Quinta Ação: Avaliação da Roda de Conversas	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXOS	56

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A indisciplina vem referenciada a partir do modelo do conceito de Disciplina em Freire, que surge com a tomada de consciência da vida em sociedade e no grupo específico em que participam os envolvidos no contexto educativo. Ela segue uma ordem, envolve uma autodisciplina do sujeito, portanto um movimento de dentro para fora. É fazer o que posso e o que devo para tornar possível o que era impossível.

Mau comportamento, irreverência ou falta de respeito são expressões que habitualmente se escutam na sala de professores, nos corredores, pronunciadas por professores, por auxiliares e outros agentes do processo educativo. Elas constituem a grande preocupação de todos os que se encontram ligados ao ensino, porque condicionam e afetam o funcionamento da escola em geral e das salas de aula em particular. São, contudo, os principais implicativos no processo de ensino/aprendizagem.

Entretanto, as relações conflituosas sempre existiram nas escolas e, atualmente, parecem aumentar, gerando desconforto entre os sujeitos envolvidos e levando a desqualificarem-se professores e alunos, desmotivando-os na sua ação e no seu fazer pedagógico. Repensar essas relações torna-se uma tarefa de fundamental importância na prática educativa para minimizar as frustrações e a exclusão crescente do aluno do contexto escolar.

Este estudo teve como principais propósitos trazer para o debate, pensar, conhecer e propor alternativas sobre o tema da indisciplina escolar. Inclui uma análise das crenças, valores, hábitos e cultura dos sujeitos envolvidos no cotidiano escolar, baseado em uma literatura sobre a temática, permitindo que os interessados possam refletir e reconstruir suas percepções e, conseqüentemente, seus olhares na relação docente entre os sujeitos que compõem o universo da sala de aula. Por isso, traz uma retrospectiva dos passos realizados desde a elaboração do diagnóstico com o levantamento dos dados para a intervenção até a análise e os resultados das ações realizadas através do Plano de Intervenção.

O estudo tem por base o trabalho que a Orientadora Educacional desenvolve no Colégio Gonzaga há quase cinco anos. Chama a atenção a quantidade de alunos que são retirados da sala de aula nos anos finais do Ensino Fundamental por questões disciplinares, o que acaba excluindo o sujeito do contexto educativo.

A indisciplina é vista como comportamentos que fogem às regras estabelecidas pela instituição. Segundo D'Antola (1989), ao ouvir os professores sobre sua concepção de bom aluno, o que mais aparece como característica marcante no aluno disciplinado é que ele seja bem comportado, cumpridor das atividades e obediente ao controle do professor, ou seja, muito pouco se fala do sujeito crítico e reflexivo. Falar desses sugere que aconteçam alguns conflitos significativos de ideias e ideais para torná-los sujeitos pertencentes ao grupo. Faz-se necessário dialogar com esses conflitos, o que exige pensar sobre as concepções que conceituam a temática da indisciplina. Entender como funciona essa engrenagem pedagógica é fundamental para que se possa buscar uma disciplina consciente e participativa, na qual o aluno tenha mais autonomia e liberdade de contestar, sem ser mal interpretado, entendendo que o saber se faz necessário, sendo uma via de acesso para a construção do conhecimento para ser usado na luta por uma sociedade mais justa.

Geralmente os olhares pedagógicos se voltam somente para o que carrega o termo “indisciplina” isoladamente do contexto, sem olhar sua totalidade, pois ela também tem seu aspecto positivo no sentido de resistência e reflexão sobre ação entre os sujeitos. Caso não ocorra essa tomada de consciência, então a indisciplina passa a ser a grande problemática enfrentada na instituição escolar, visto que se perde muito tempo retirando alunos de sala de aula por questões de disciplina, em detrimento do aluno com o conhecimento e com a realidade. Por isso, como orientadora Educacional, necessito entender o processo que interfere na garantia do aluno em seu direito de permanecer na sala de aula.

O que ocorre entre professores e alunos quando um professor retira o aluno de sua sala sem uma justificativa plausível, sem ouvi-lo, sem permitir o questionamento desse sujeito? Sonega-se o seu direito no espaço de pertencimento, compreendendo como se estabelecem as relações interpessoais entre os alunos e professores, cujos olhares críticos sempre recaem na fala ou no rótulo do aluno “problema”, que não tem limites, que não respeita as regras pré-estabelecidas no contexto escolar.

Portanto, este estudo concerne a um tema que, embora se expresse como “antigo” na área da educação, vai tomando, ao longo do tempo, conotações diferenciadas que necessitam ser exploradas e pesquisadas com o intuito de travar um combate contra as práticas de exclusão no cotidiano da escola.

Celso Vasconcellos (2010, p.19) nos diz:

A (in) disciplina em sala de aula e na escola é, atualmente, um dos grandes desafios colocados para educadores. Um dos dificultadores do enfrentamento da problemática disciplinar é que o educador não dispõe de uma concepção, de um método, de uma ferramenta eficiente.

A indisciplina escolar tem sido alvo de inúmeras discussões entre os educadores, nos diferentes níveis de ensino, desde a Educação Básica até o Ensino Superior, pois é um fenômeno que não se limita a determinados níveis escolares, nem a culturas específicas. A indisciplina tem-se propagado nas escolas, comprometendo as relações educacionais. Embora conheçamos as dificuldades decorrentes, ainda pairam no ar muitas dúvidas de sua origem, prevenção e ações mais adequadas para eliminar atitudes indisciplinadas recorrentes.

Algumas indagações são frequentes, tais como: Estaria relacionada à faixa etária dos alunos? Ao gênero? À situação socioeconômica? Ao reflexo da fragilidade familiar? A uma forma de contestação ao currículo da escola? À ausência de algumas competências docentes? Às questões de afetividades? À própria compreensão sobre o que seria indisciplina? Tais questionamentos aguçam o interesse de conhecer o que ocorre nas relações interpessoais que se estabelecem na instituição escolar.

Pensar a indisciplina ultrapassa os limites, segundo Aquino (1996), dos confrontos cotidianos entre os desejos e os impulsos dos alunos e o controle por parte dos professores. É uma discussão que perpassa os conhecimentos acerca das concepções e paradigmas que orientam a compreensão deste estudo focado no objetivo social da educação.

No presente trabalho, a intervenção teve como objetivo principal instrumentalizar os professores de conhecimentos e estratégias redefinidos pelo próprio sujeito ao entrar em contato com sua fala e seus conceitos sobre a temática. Nos objetivos específicos, foi possível através dos dados elencados: (a) verificar em quais disciplinas ocorre a maior incidência de saída de alunos por motivos considerados de indisciplina; (b) verificar a queixa recorrente dos professores e alunos relacionada à indisciplina; (c) identificar as razões e as situações recorrentes que levam os alunos a terem comportamentos julgados indisciplinados na sala de aula e (d) instrumentalizar os professores de conhecimentos no manejo adequado

das práticas educativas em sala de aula, gerenciando os conflitos com seus alunos, e com isso passando eles a valorizar o seu processo de Ensino-Aprendizagem.

O primeiro capítulo apresenta um levantamento das concepções teóricas de alguns autores sobre o tema da indisciplina escolar. No segundo capítulo, apresenta-se toda a metodologia estudada, a análise dos gráficos elaborados a partir dos documentos escolares que dispõem sobre o tratamento e a intervenção que vêm sendo dados à temática da indisciplina, por meio da leitura das atas dos conselhos de classes, da ficha espelho dos alunos e dos registros feitos sobre o comportamento dos alunos pelos professores em sala de aula, sendo que a partir dessa análise documental é possível a construção de indicadores que permitem visualizar o fenômeno que aconteceu nas sétimas séries do Ensino Fundamental.

O terceiro capítulo traz uma proposta interventiva com as ações realizadas na roda de conversas com os professores, buscando a formação continuada dos mesmos a partir de programações baseadas em inovações das práticas pedagógicas, apostando na diminuição das práticas de exclusão vivenciadas pelos alunos.

1 CONCEPÇÕES TEÓRICAS ACERCA DA INDISCIPLINA

A indisciplina, segundo o dicionário (FERREIRA, 1995), pode ser definida como “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião”. Nesta perspectiva, o indisciplinado é aquele que tem resistência ao que lhe é imposto como regra, norma. O **disciplinado** é aquele que não questiona as regras e obedece ao seu contexto. Temos então a disciplina como forma de dominação e de exercício do poder no qual o papel da escola, de acordo com o modelo capitalista, seria colaborar com o esforço civilizatório de manter a docilidade e domesticação dos corpos nos espaços sociais menores.

Segundo Foucault (2013, p. 133),

esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram nos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação... O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriña, o desarticula e o recompõe.

A Indisciplina pode ser manifestada por um indivíduo ou um grupo, e compreendida como um comportamento inadequado, resistente, de desacato, sendo muitas vezes percebida como falta de educação e de respeito. Por isso, conceituá-la envolve uma série de fatores multidisciplinares que a referenciam, os quais não podem ser vistos isoladamente, pois que não há uma abordagem consensual para o fenômeno.

Ghiggi e Shulz (*apud* FREITAS; GHIGGI; PEREIRA, 2014) trazem em seu texto o modelo de disciplina makarenkiano como uma tomada de consciência para o aluno de que ela é importante para a vida cotidiana.

A disciplina para Makarenko na terceira conferência que escreveu, que ela tem significado, por um lado, de um conjunto de regras e, por outro, de costume(...) Então, a disciplina para Makarenko, não é obtida a partir de um conjunto de medidas reguladoras, mas por meio de todo o sistema educativo, com a organização da vida, com a soma de todas as influências que atuam sobre a criança. Não é coisa, método ou procedimento de educação, mas o seu resultado. (GHIGGI; SHULZ *apud* FREITAS; GHIGGI; PEREIRA, 2014, p.177-178).

Outra abordagem significativa e histórica é a concepção sociológica da indisciplina na teoria de Durkheim (1934), que nos remete a um passado distante, no

qual a preocupação baseava-se na ideia de irregularidade e inconformidade que continha todo ato indisciplinar. Segundo o autor, o ideal de conformismo seria atrelado às propostas socializadoras da escola e seria desvelado nos episódios cotidianos com os sujeitos e as instituições educativas, muito ligado à educação moral, visando a controlar os desejos dos alunos, já que a felicidade não se desenvolve sem limites, portanto negar a sociedade seria como negarmos a nós mesmos.

Segundo Vasconcellos (2010, p. 47),

o conceito de disciplina associado à obediência está muito presente no cotidiano da escola, mais ou menos conscientemente; isto porque há uma verdadeira “luta de classe”, onde o professor está procurando sobreviver, num contexto de tantos desgastes. O trabalho do educador é estressante; ele procura um pouco de paz para poder respirar; daí esperar comportamento dócil, passivo, do aluno. É claro que esta expectativa se coloca a partir do círculo da alienação em que se encontra, onde seu desejo, alienado, não busca a interação, o encontro, a comunicação, mas o isolamento, o fechamento, a obediência, a submissão, com a esperança de encontrar assim o espaço vital que sente falta.

Para Aquino (1996, p. 40), a indisciplina escolar deve ser vista não apenas pelo olhar da pedagogia, mas também da sociologia e da psicologia, pois “a indisciplina é um problema interdisciplinar, transversal à pedagogia, devendo ser tratado pelo maior número de áreas em torno das ciências da Educação”. Ele parte do princípio de que todo aluno-problema é tomado como se padecesse de algum distúrbio, seja de natureza comportamental ou cognitiva. Para tanto, se faz necessário entender que todo comportamento é aprendido e que alguns contextos, tanto escolares como familiares, contribuem nas definições de alguns padrões comportamentais que fogem ao aceitável na norma de cada contexto escolar.

Sibilia (2012, p. 25) analisa os fatores envolvidos na crise do sujeito com a escola, nos diversos modos de ser e estar no mundo que se relaciona de forma conflitiva com a escola.

A perda de eficácia no funcionamento bem azeitado das engrenagens disciplinares é, justamente, um dos indícios da crise atual. Um ingrediente primordial dessa deterioração é o enfraquecimento do Estado no papel de megainstituição capaz de avalizar e dotar de sentido todas as demais. Em consonância com esse declínio, perdem peso e gravidade as investidas que revestiam figuras-chaves da autoridade moderna, como pai e o professor, por exemplo, cujas definições, atributos e poderes se transformaram amplamente nos últimos tempos.

Segundo a autora, para ressignificar o espaço escolar será necessário transformar a escola, redefinindo-a como um espaço de encontro e de diálogo, de produção de sujeitos pensantes, de sedimentação das experiências capazes de incitar consistência na vida de seus sujeitos.

Ao analisarmos a indisciplina desde o olhar das práticas pedagógicas escolares, percebemos que não se constitui de maneira isolada, individual. As práticas estão moldadas nos valores e nas regras que permeiam os princípios sociais adotados pelos diferentes sujeitos que compõem o universo escolar. Muitas vezes, essa prática docente contribui para ressaltar os diferentes estereótipos presentes no cotidiano escolar, que determinam formas que podem gerar indisciplina, levando à exclusão do sujeito do seu contexto educativo.

A escola é o lugar da socialização do poder e do saber na visão democrática da relação professor-aluno. A prática pedagógica e os casos de indisciplina são temáticas significativas que estão interligadas e requerem uma atenção especial para conhecer os reflexos dessa relação no cotidiano escolar.

Existem múltiplos fatores que contribuem com a indisciplina: entre eles, as “panelinhas”, pequenos grupos de alunos que se juntam com os mesmos interesses, possuem um perfil similar na relação com o “coletivo” da sala de aula, relações estereotipadas e viciadas que causam rivalidades dentro da sala, implicando um cuidado atento nos vícios que acompanham os alunos que permanecem na mesma turma por vários anos, muitas vezes se fortalecendo de forma negativa. Outro fator é a falta de expressão de colocar-se diante do grupo: às vezes o grupo exerce uma pressão maior que leva o sujeito a fazer o que o grupo quer, não exercendo sua vontade. Há falta de respeito ao aluno no contexto de sala de aula, quando se deixa de combater as formas sutis de violência reforçando os aspectos negativos dos estereótipos preconceituosos que perpassam as relações sociais. Por fim, é necessário ter uma proposta de trabalho pedagógico adequada, com ensino significativo e participativo, vinculado às reais condições das necessidades dos alunos. Por isso há que se usar uma metodologia participativa. Vasconcellos (2010, p. 96) afirma que

O desafio que se coloca, portanto, é que, de um lado, o professor deve exigir esforço, dedicação, disciplina dos alunos, e de outro, deve exigir-se, de maneira a construir uma adequada proposta de trabalho. Em síntese, para exigir disciplina, o professor precisa ter moral..., rever sua proposta de

trabalho, tanto do ponto de vista do conteúdo, como da metodologia (criança motivada não dá problema de disciplina).

Arroyo (2000) e Vasconcellos (2010) trazem reflexões acerca do fazer pedagógico que são significantes nas práticas docentes. Por isso o professor precisa ter convicção de que está trabalhando algo importante para os alunos, tanto na forma coletiva de pensar o todo, como nos aspectos cognitivos e afetivos.

É mais fácil questionar o sucesso e o fracasso dos alunos no domínio de conteúdos e técnicas, de competências, do que o próprio mestre questionar a formação e o desenvolvimento humano dele próprio, porque será sempre uma auto-interrogação. O primeiro nos expõe a nossos domínios e competências, o segundo nos expõe a nossa emancipação infantil. Pensar e mexer com a formação humana é um pensar nossa própria formação, nosso próprio percurso. Nos enfrenta com um dever-ser. O que é bem mais complicado do que um saber-fazer (ARROYO, 2000, p. 41).

É através das reflexões que o professor expressa suas vivências e a consciência no seu fazer educacional, no seu ofício de mestre, percurso permanente de escuta e interrogações sobre o que somos, revelando o perfil do professor na relação com o aluno. Para além de uma questão técnica, discutir indisciplina sobre esses aspectos é discutir as relações que perpassam o cotidiano escolar. Existe, portanto, a necessidade de o professor compreender sua realidade e a partir dela construir a disciplina ativa e coletiva em sala de aula.

2 METODOLOGIA

2.1 Contexto da intervenção

Segundo informações contidas no Projeto Político-Pedagógico (COLÉGIO GONZAGA, 2012), o Município de Pelotas tem uma área territorial de 1.610 km² e situa-se às margens da Laguna dos Patos, a 7m acima do nível do mar e a 252 km da capital, Porto Alegre. Seu clima subtropical, com temperatura média de 17,6°C, se caracteriza por uma elevada umidade atmosférica com formação de nuvens e nevoeiros. A economia local se baseia no agronegócio, comércio e serviços, com 1.222 empresas que empregam 11.550 pessoas, conforme dados de 2002.

Sendo a cidade mais populosa da Zona Sul do Rio Grande do Sul, Pelotas tem 327.778 habitantes, 28% se encontram na faixa etária de 0 a 19 anos, 93% vivem na zona urbana e apenas 7% na zona rural. A população é constituída por etnias ou grupos raciais diferentes, o que mostra a diversidade e riqueza cultural da cidade. No que diz respeito à educação, Pelotas é conhecida como um dos principais centros educacionais do Estado e da Região Sul do Brasil.

Tabela 1 – Número de alunos e professores em 2013

Educação Infantil	220
Ensino Fundamental – Anos Iniciais	382
Ensino Fundamental – Séries Finais	299
Ensino Médio	259
TOTAL DE ALUNOS	1160
Nº DE PROFESSORES	81

Fonte: Projeto Político-Pedagógico (COLÉGIO GONZAGA, 2012).

O Projeto Político-Pedagógico do Colégio Gonzaga apresenta uma completa descrição e o histórico da escola, fundada em 4 de março de 1895. Sua sede está localizada na Praça José Bonifácio, 166, Centro de Pelotas. A instituição católica, inicialmente denominada Escola São Luiz Gonzaga, foi dirigida por sacerdotes jesuítas até 1925, com o auxílio dos irmãos Maristas desde 1910 até 1925, quando os Lassalistas assumiram o Colégio.

Em 2004 a mantenedora Luiz de Camões assume o Colégio iniciando uma nova fase, com modernização da estrutura física e do projeto pedagógico, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Atualmente conta com cerca de 1200 alunos e 80 professores. O número de matrículas tem crescido, de modo que de 2004 a 2012 o aumento foi de 43,9%. Seu índice de evasão é próximo a zero e, dentre as escolas privadas, está no 4º lugar no ENEM 2011, no Município de Pelotas.

O Colégio disponibiliza a biblioteca para a comunidade escolar, com um acervo de mais de 5.000 exemplares. Conta com ginásio coberto, sala de multimídia, teatro, auditório, sala de dança, sala de convivência, pracinha infantil, capela, salas inteligentes, laboratórios de Química, de Física, de Biologia, pavilhão de ginástica artística, sala de judô, CTG, salas com televisores 42". Em 2013, as salas de aula foram estruturadas para o trabalho informatizado, com Ipad. O Núcleo de Pastoral do Colégio garante a formação cristã aos alunos e à comunidade escolar, com catequese para Primeira Eucaristia, Grupos de Jovens e campanhas solidárias.

Tabela 2 – Matriz Curricular 2013 do Ensino Fundamental (séries finais)

COMPONENTES CURRICULARES		7ª Série
LINGUAGENS CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS	Língua Portuguesa	03
	Literatura	01
	Produção Textual	01
	Língua Inglesa	04
	Educação Física	02
	Artes	01
CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS	Ciências	02
	Programa de Iniciação Científica	01
MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	Matemática	05
CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS	História	02
	Geografia	02
	Orientação Ética e Religiosa	01
Total de horas-aula semanais		25

Fonte: Projeto Político-Pedagógico (COLÉGIO GONZAGA, 2012).

2.2 Análise da intervenção

O contexto da pesquisa foi delimitado na análise documental. Segundo Philips (1974), são considerados documentos quaisquer materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informação sobre o comportamento. Esses materiais analisados são de uso da equipe diretiva e do professor, como a Ficha Espelho, que traz o registro do comportamento do aluno em sala de aula, e a Ata do Conselho de Classe, que apresenta aspectos do coletivo das turmas e do próprio aluno na sua singularidade.

Para Caulley (1981), a análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. Além disso, os documentos constituem uma fonte importante de onde podem ser extraídas ou validadas as declarações do pesquisador.

Marconi e Lakatos (1986, p. 71), citando Holsti sobre a análise documental, identificam pelo menos três situações básicas em que é apropriado o uso da análise documental: quando o acesso dos dados é **problemático**, quando o pesquisador tem **limitações de tempo** e quando o interesse do investigador é estudar o problema **a partir da própria expressão dos indivíduos**. A pesquisa apresentou elementos significativos da subjetividade dos sujeitos ao expressar suas concepções e sentimentos a respeito desse tema tão complexo sobre a indisciplina.

Segundo Trujillo (1974, p.25), a pesquisa tem no método a forma de proceder ao longo de um caminho. Na ciência os métodos constituem os instrumentos básicos que ordenam de início o pensamento em sistemas, traçam de modo ordenado a forma de proceder do cientista ao longo de um percurso para alcançar um objetivo.

Neste tipo de pesquisa, a escolha do documento não é casual, pois está arraigada em alguns objetivos e propósitos já destinados. Envolverá trabalho de campo, no qual os dados serão coletados no contexto de inserção dos sujeitos de pesquisa, professores e alunos: o Colégio Gonzaga.

Os documentos analisados para coletar os dados foram as Atas do Conselho de Classe e a Ficha Espelho dos alunos. Através da análise documental da Ficha Espelho dos alunos, a qual foi emitida pelo serviço de coordenação de turno SCT - setor responsável pelas ocorrências -, pelos registros dos atendimentos no Serviço de Orientação Educacional (SOE) e das Atas dos Conselhos de Classe, podemos

ter uma visão mais abrangente do fenômeno da exclusão de sala de aula dos alunos das quatro turmas da sétima série do Ensino Fundamental do Colégio Gonzaga.

A pesquisa se constituiu a partir de duas perspectivas: a primeira, de natureza qualitativa, é baseada em análises bibliográfico-interpretativas, contando com algumas análises documentais; a segunda, de natureza quantitativa, envolverá trabalho de campo, no qual os dados serão coletados no contexto de inserção dos sujeitos, professores e alunos do Ensino Fundamental Anos Finais. Como a mudança de séries para anos está acontecendo gradativamente, a turma analisada em 2013 foi da sétima série do Ensino Fundamental.

Foram analisadas as duas variáveis que se apresentaram com maior frequência:

(a) o Gênero não se mostrou relevante, pois meninos e meninas saíram da sala de aula na mesma proporção, fator que evidenciou os aspectos conflitivos nas relações interpessoais dos sujeitos em sala de aula, não caracterizando propriamente uma indisciplina, mas sim uma força de resistência na forma de expressar sua insatisfação;

(b) o Motivo pelo qual os alunos e alunas saíram da sala, de acordo com os professores;

(c) o Componente Curricular que mais evidenciou a retirada de aluno da aula foi o da área das linguagens, ou seja, da expressão do sujeito.

Os primeiros gráficos a partir das fichas espelhos dos alunos foram sobre as proporções de Gênero (v. figuras 1, 2, 3 e 4). Esta variável não parece ter muita significância, visto que o número de retiradas de alunos e de alunas quase se equiparam, podendo dizer-se que não é determinante o sexo do indivíduo, mas sim a fase de desenvolvimento psicossocial em que se encontra, visto que quase todos os alunos desse segmento de Ensino Fundamental têm idades entre 12 e 13 anos, estando em plena adolescência, cujas características marcantes são o egocentrismo, a imaturidade, a instabilidade, a confusão, a busca acentuada de autonomia, a forte necessidade de reconhecimento e de aceitação, o idealismo, o entusiasmo, a criatividade, a ingenuidade, a busca da identidade e a adoção das influências dos pares.

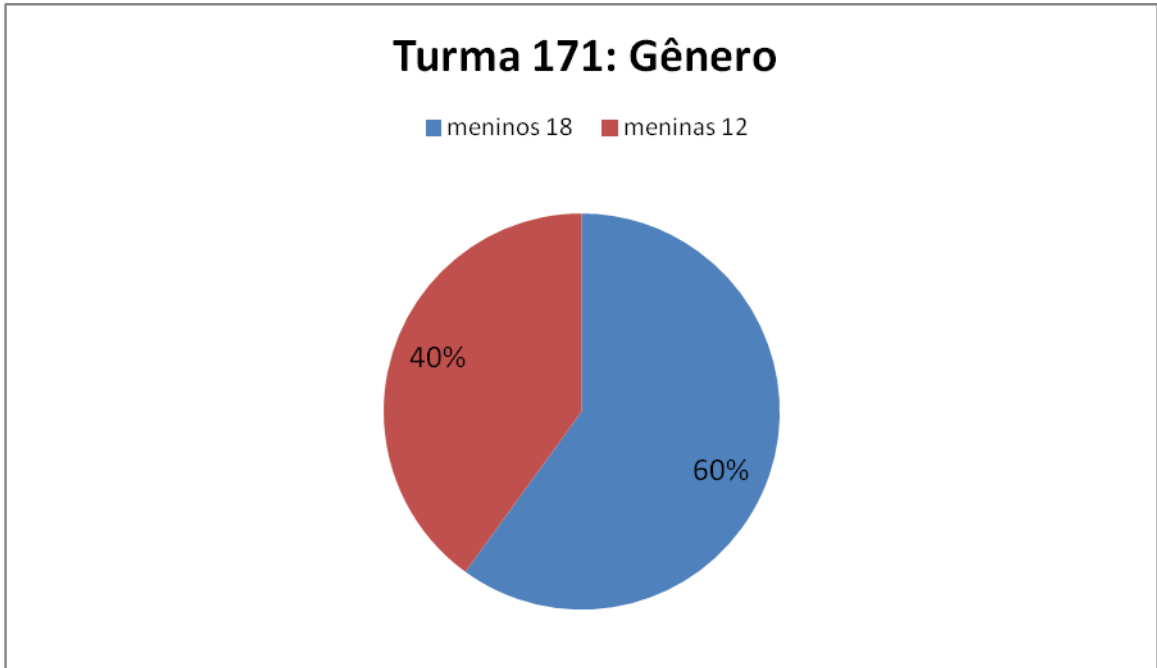


Figura 1 – Turma 171 conforme o Gênero.

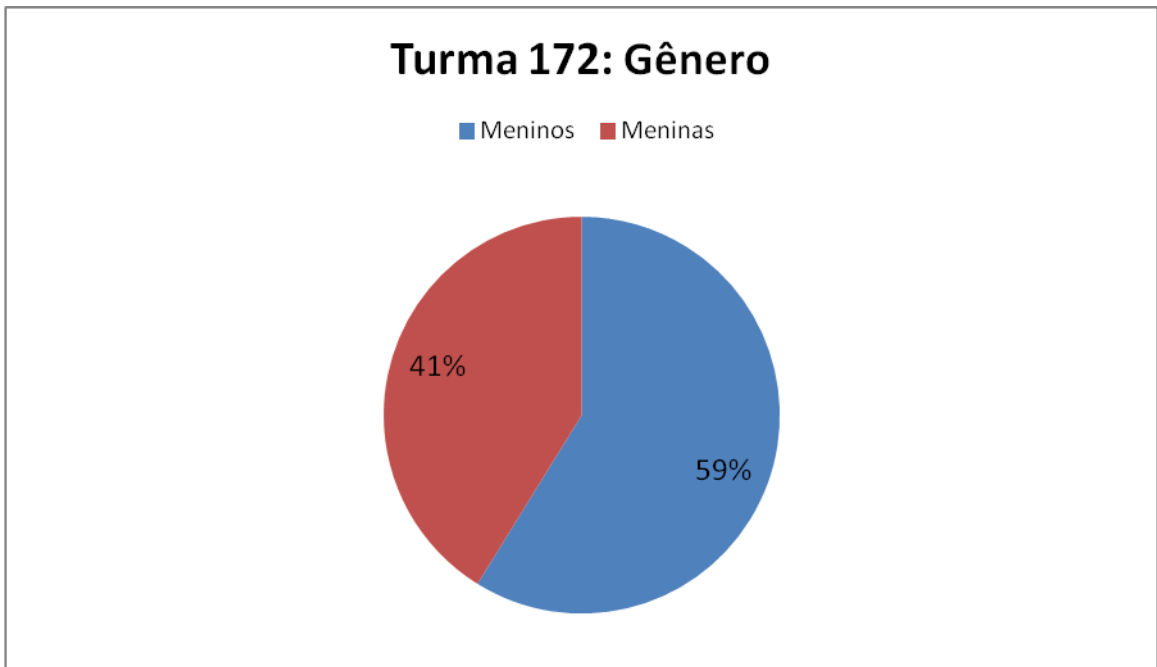


Figura 2 – Turma 172 conforme o Gênero.

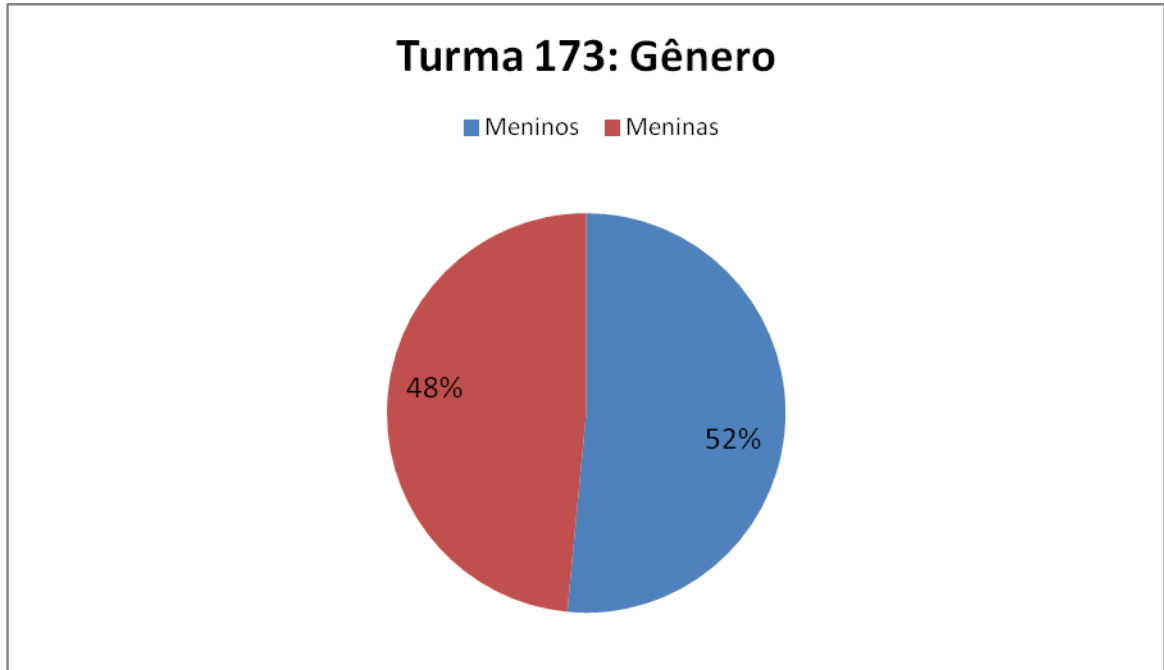


Figura 3 – Turma 173 conforme o Gênero.

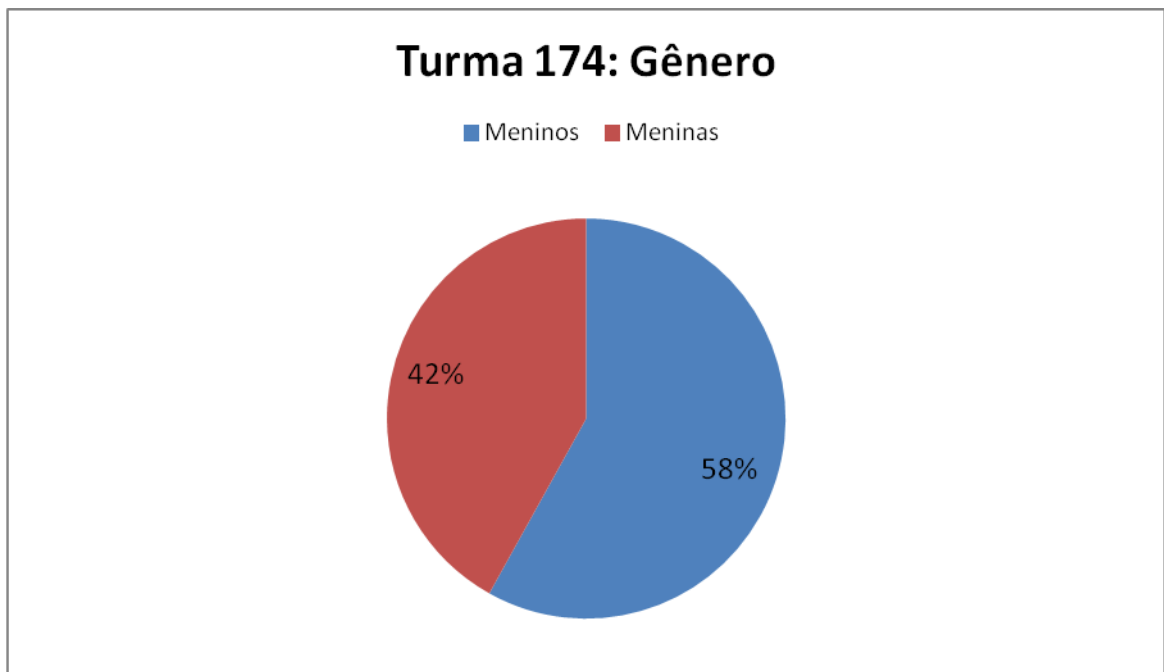


Figura 4 – Turma 174 conforme o Gênero.

Os próximos gráficos (v. figuras 5, 6, 7 e 8) foram construídos à base das representações dos Motivos registrados pelos professores na Ficha Espelho do aluno.

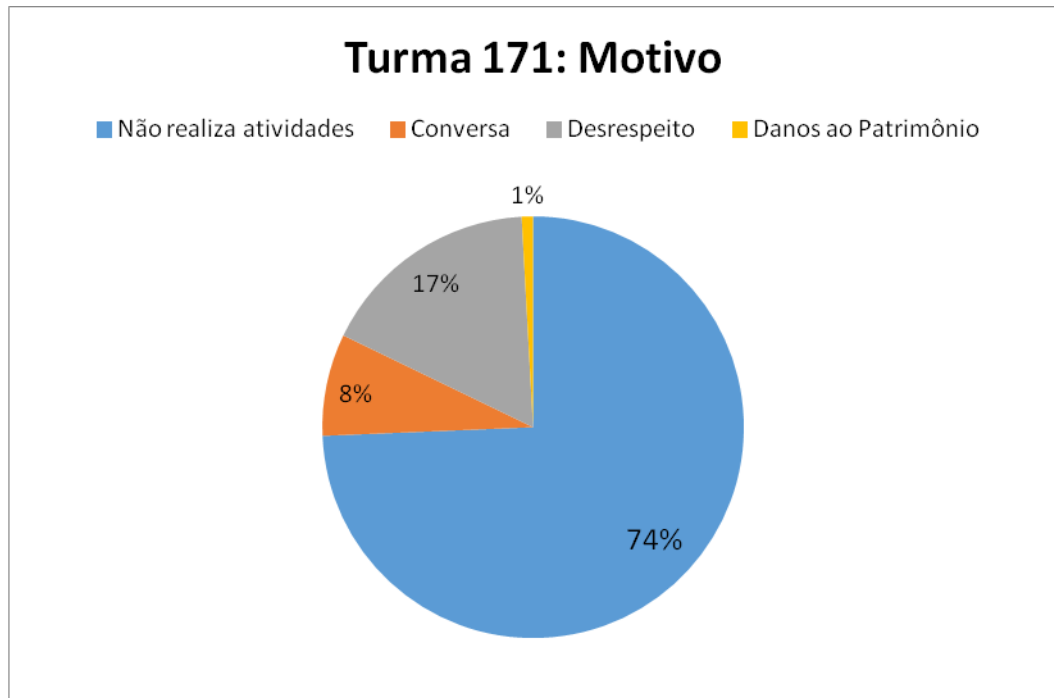


Figura 5 – Turma 171 conforme o Motivo.

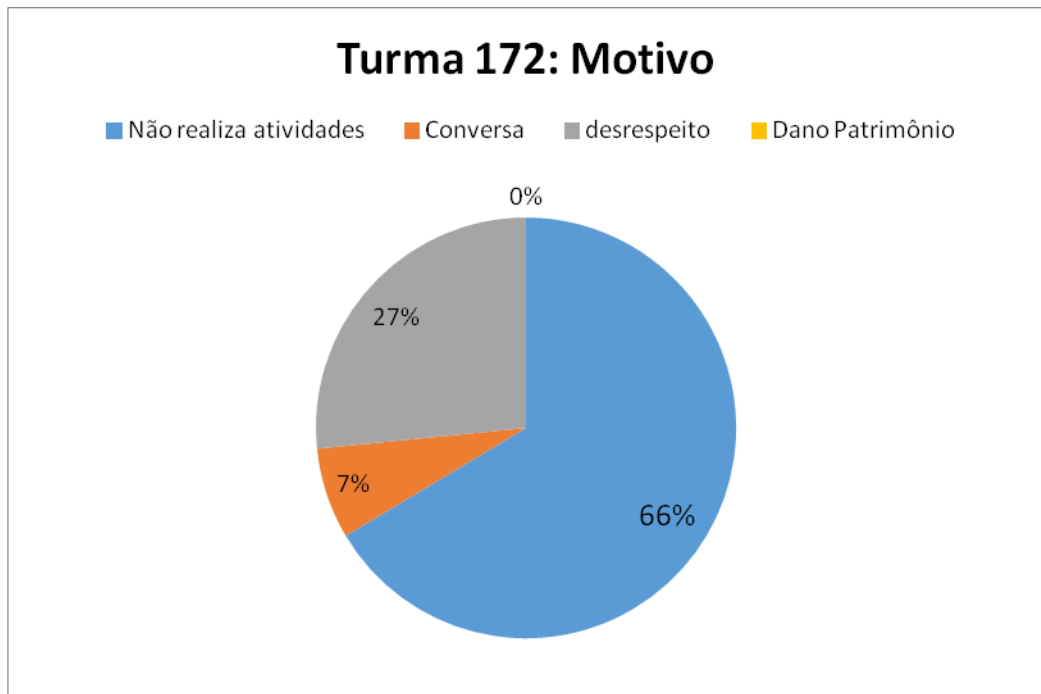


Figura 6 – Turma 172 conforme o Motivo.

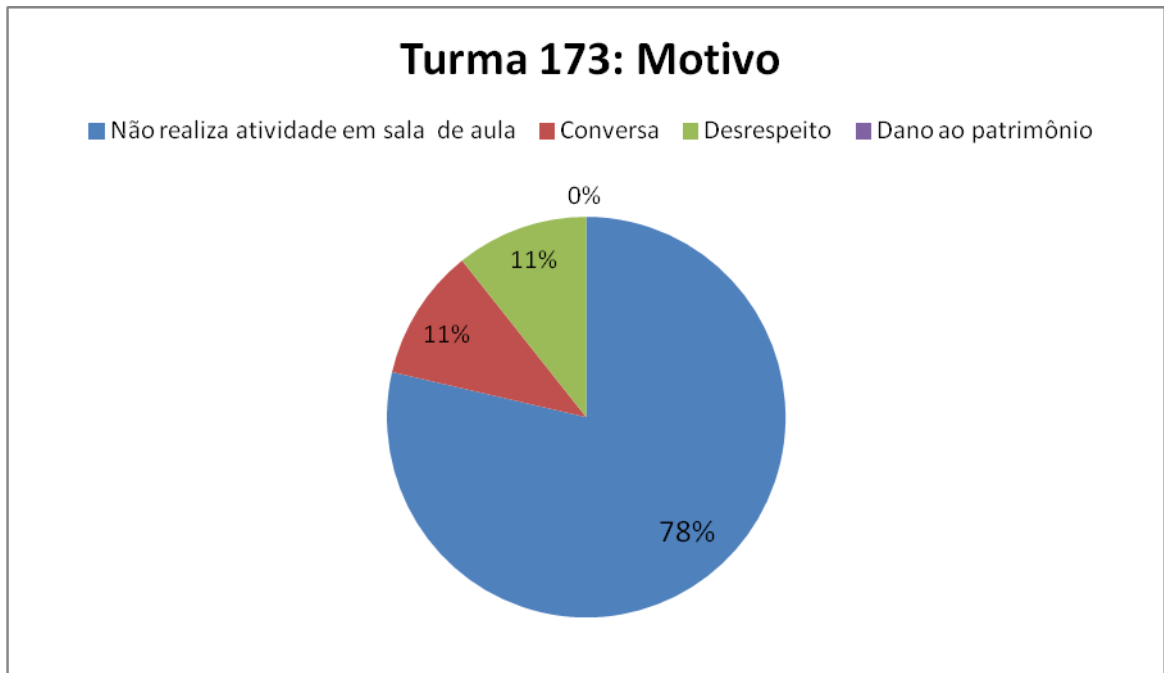


Figura 7 – Turma 173 conforme o Motivo.

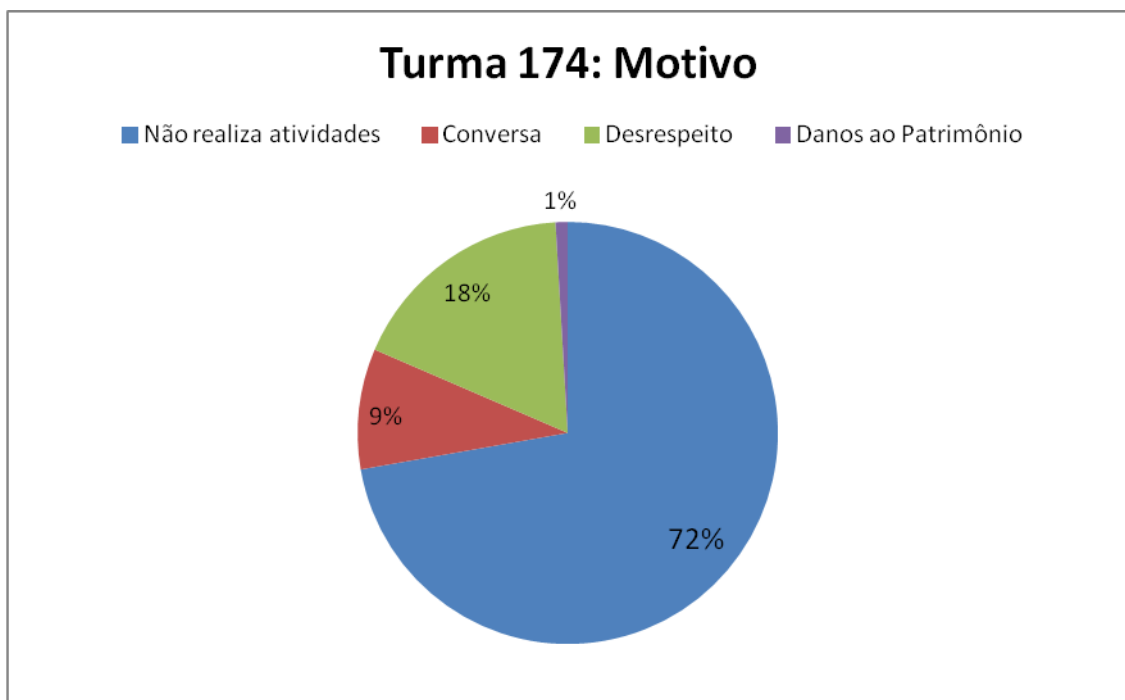


Figura 8 – Turma 174 conforme o Motivo.

Os motivos que mais apareceram foram a “não realização de atividades”, tanto em sala de aula como em casa, pois os temas chegam sem serem feitos, gerando conflitos, inseridos nesse motivo está a falta de material do aluno para realizar a proposta do planejamento do professor. “Desrespeito” e “conversa” foram as ocorrências em segundo lugar de frequência e, em grau bem menor, “dano ao patrimônio”, que se entende como, por exemplo, riscar classes e paredes com tesoura ou canetas, quebrar vidros das janelas e das portas, caso este que acontece raramente.

Os Componentes Curriculares que mais retiraram alunos no segundo semestre do ano de 2013 foram elencados nos últimos gráficos (v. figuras 9, 10, 11 e 12), também elaborados de acordo com as fichas espelhos dos alunos, que têm como referencial o Estatuto Disciplinar do Colégio (v. Anexo 2).

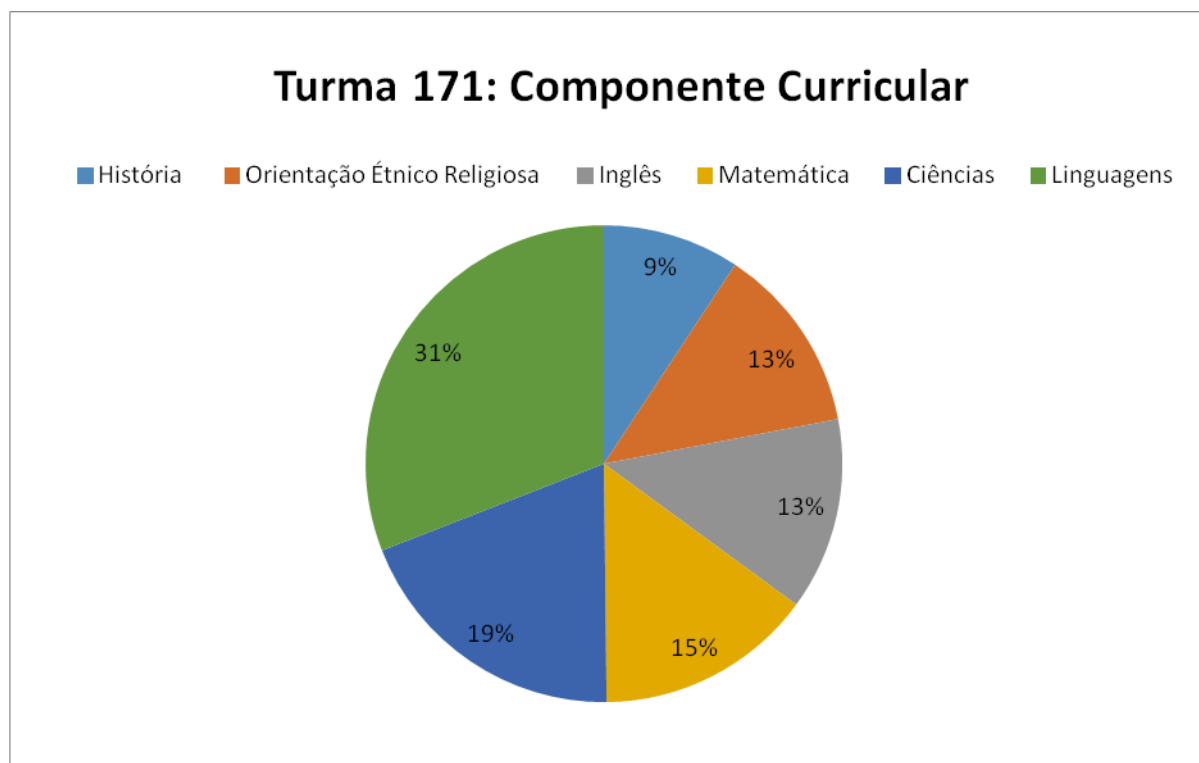


Figura 9 – Turma 171 conforme o Componente Curricular.

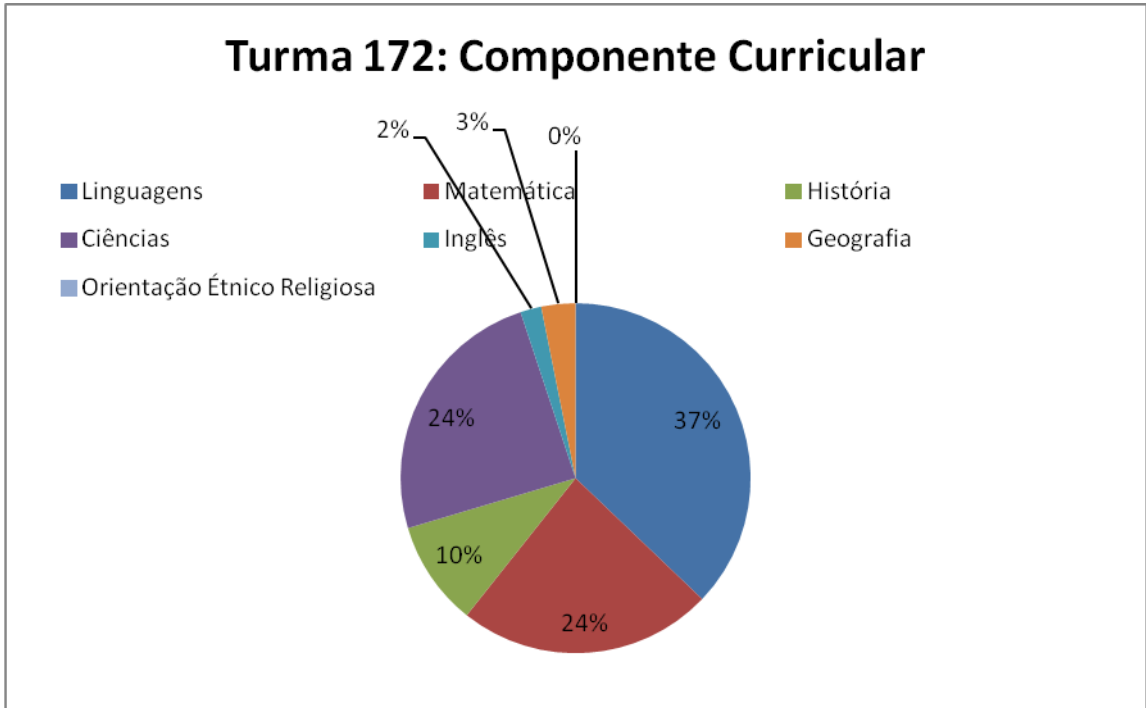


Figura 10 – Turma 172 conforme o Componente Curricular.

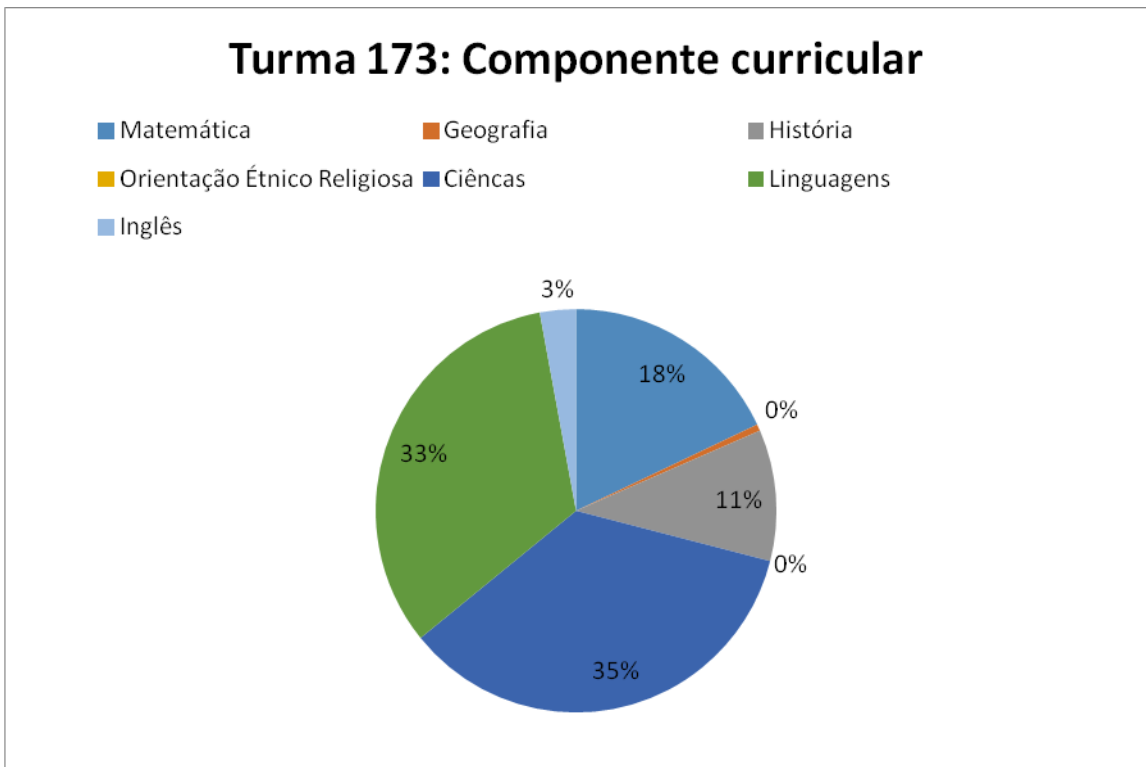


Figura 11 – Turma 173 conforme o Componente Curricular.

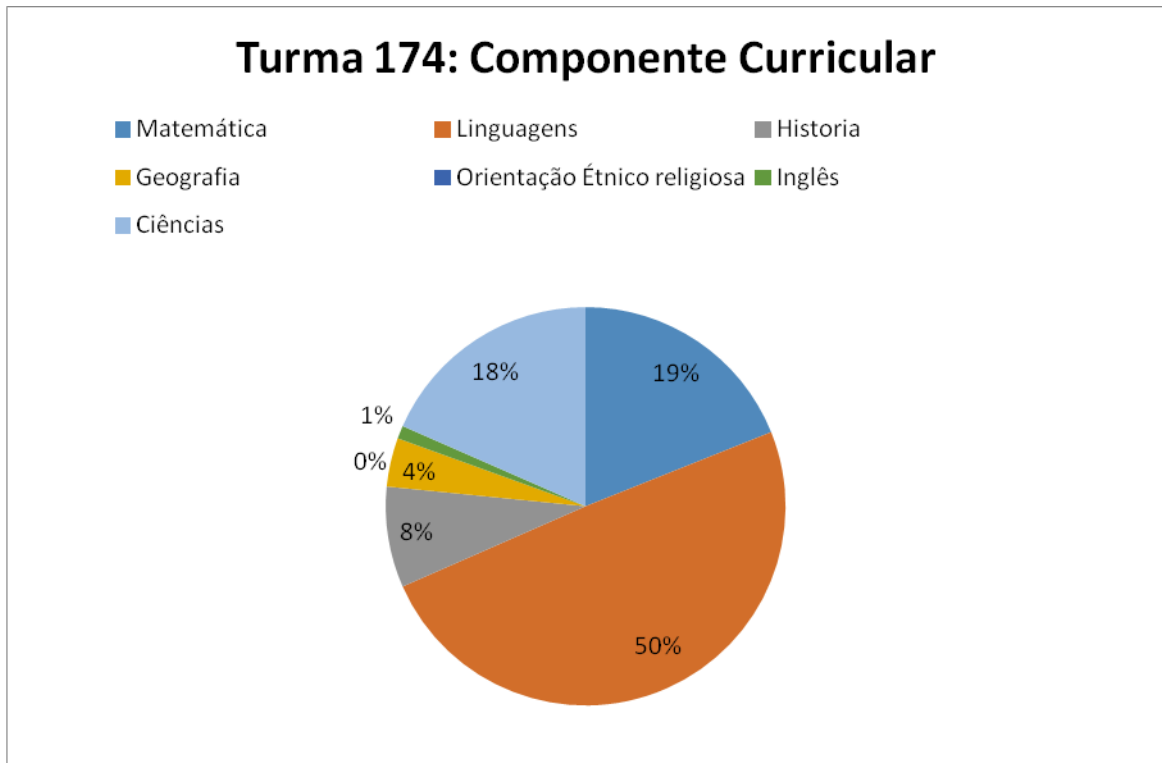


Figura 12 – Turma 174 conforme o Componente Curricular.

Os componentes curriculares que mais retiraram os alunos foram da área das linguagens; nesta se incluem: Português, Literatura e Produção Textual. Há um desafio muito grande no sentido de vencer algumas barreiras nas realizações das atividades propostas em sala de aula, nas discussões e apresentações dos trabalhos pelos alunos, pois eles se mostram resistentes, envergonhados, com medo de falhar, principalmente para elaborar e apresentar oralmente os trabalhos para os colegas. São temerosos em relação ao preconceito e à gozação em virtude do erro da atividade proposta pelo professor.

Os outros dois componentes foram Matemática e Ciências. Os alunos apresentam resistência para cumprir atividades propostas, ou seja, realizar os exercícios. Segundo alguns professores, eles não prestam atenção na explicação, dispersam-se com facilidade e conversam sobre outros assuntos, atrapalhando o bom andamento da aula, e não respeitam as regras e o espaço dos colegas.

O instrumento de dados analisado foi a Ata dos Conselhos de Classes, em que consta o perfil da turma, o desempenho e as dificuldades de cada aluno, tanto comportamentais como de aprendizagem, destacando-se aspectos positivos e

negativos de cada turma em uma abordagem ampla. No individual, o professor destaca a situação do aluno em sala de aula, as dificuldades de aprendizagem e de tipo comportamental.

Cabe ao professor chamar o aluno e os pais para conversar sobre o caso e orientar de acordo com a necessidade de cada um, nesse primeiro momento a intervenção é do professor com o aluno e a família, numa construção de assumir o compromisso com as atividades educativas. Não havendo mudança, o Setor de Orientação Educacional se encarrega de chamar e acompanhar o aluno junto à família, participando das orientações a fim de organizar e sistematizar o processo de aprendizagem, estabelecendo linhas de ações.

Tabela 3 – Perfil das turmas conforme os Conselhos de Classe

Conselho de Classe	Turma 171	Turma 172	Turma 173	Turma 174
Aspectos positivos	Alegre, colaborativa, desempenho regular.	Interessados e concorrentes.	Questionadores e competitivos. Receptivos às propostas de avaliações.	Turma boa, alegre, preocupados com rendimentos.
Aspectos negativos	Conversam muito, barulho, falta de respeito com colegas e professores.	Agitados, conversam muito, sem limites, desempenho baixo.	Agitados, barulhentos, indisciplinados, desrespeitosos.	Baixo rendimento, desmotivados, conversam bastante.

Nas fichas de registros de atendimentos aos alunos no SOE aparecem sempre os mesmos motivos elencados pelos professores, porém em discordância com os relatos dos alunos que argumentam na sua fala que estavam conversando, pararam e, mesmo assim, o professor mandou-os sair da aula. Outro motivo que aparece é o desrespeito, entretanto os alunos tentam argumentar, mas o professor não aceita e os manda sair.

Os conflitos disciplinares que fragmentam as relações entre alunos aparecem bastante nas brincadeiras e apelidos inadequados, pois mesmo se considerando amigos, uns invadem o espaço dos outros, naturalizando ações desrespeitosas, não levando em consideração os limites e as regras estabelecidas na coletividade, em

que o “respeito” ao outro passa pelo respeito para consigo mesmo. Isso causa mal-estar, pois banalizam as ações levando ao constrangimento, fato esse verificado com ambas as partes envolvidas, pois o aluno ora se torna o agressor, ora a vítima.

Os dados preliminares, constatados pela pesquisa documental, indicaram que a indisciplina não se revela na condição do gênero, pois ambos os sexos são retirados da sala de aula na mesma proporção, apresentando uma pequena variação por turma, nada relevante.

Os motivos pelos quais os alunos saem do seu contexto são conversa, desrespeito e não realização de atividades - que engloba tema, apresentação oral e exercícios -, ficando na sala de aula sem cumprir com a proposta do planejamento da professora, em discordância com a temática estudada. Muitos alunos não possuem motivação, ou seja, não possuem afinidades com alguns professores na forma de trabalho e no conteúdo, e não têm vontade de estudar, sendo mais fácil entrar em conflito com o professor na resistência de cumprir as tarefas solicitadas. É uma guerra de poder e resistência nessa relação professor-aluno de ambivalência, no qual os pensamentos e emoções possuem duplo significado, podendo ser positivos ou negativos.

Essa ambivalência leva a crer que determinados comportamentos parecem assumir conotações diferentes. Deste modo, é difícil especificar quais são os considerados como indisciplina, visto que para determinados professores um tipo de comportamento é considerado indisciplinado e para outros não. A indisciplina aparece como uma tomada de consciência e por isso pode ser revista como um traço positivo de crescimento; entretanto, para outros pode ser apenas um excesso de dinamismo e criticidade, uma manifestação da fase e do meio em que se encontram.

Por sua vez, os professores tomam diferentes posturas frente aos comportamentos indisciplinados. Se em uma turma o professor sanciona punitivamente um tipo de comportamento, e outro professor não sanciona, a falta de unidade de ação da equipe docente deixa os alunos confusos, dificultando-os quanto à percepção sobre o que deve ou não ser considerado indisciplina.

Segundo Perrenoud (1995, p. 18), a escola apresenta mais dificuldades que estímulos ao desenvolvimento do aluno no seu processo de aprendizagem, chamando atenção nas seguintes questões:

Qual o aluno que poderá interessar-lho quando este é tão fragmentado, desconexo, caótico, ao sabor das mudanças de atividades e de disciplinas, do ritmo das campanhas e de outros toques, da contínua troca de professores e dos respectivos temperamentos, das pressas e dos tempos mortos? Qual aluno que poderá por imposição, tornar-se ativo ou passivo ou concentrar-se, falar ou escrever, questionar ou responder só porque recebeu a ordem do professor, no momento determinado que julga oportuno? (...) Qual aluno que poderá aprender por tentativas e erros, expor as suas questões e suas dúvidas, quando “tudo aquilo que possa dizer pode ser utilizado contra si”, dá lugar a apreciações, a sarcasmos, a comentários anotados na caderneta?

A área da Linguagem foi a que mais se destacou na retirada de alunos de sala de aula, seguido por Matemática e Ciências. Os motivos elencados por esses professores são a resistência às atividades propostas, exercícios escritos e orais. Embora alguns alunos apresentem comportamento desafiador, eles têm vergonha de se expor na sala de aula para os colegas, não se sentem à vontade para falar, por isso muitas vezes preferem o rótulo de indisciplinados ao desafio de serem avaliados e falharem perante seus colegas.

Diante desse contexto e desse diagnóstico apresentado foram pensadas as ações interventivas que foram realizadas e planejadas de acordo com a disponibilidade de tempo oferecida pela Instituição de Ensino, pois somente foi viabilizada na Semana Pedagógica de julho de 2014.

3 INTERVENÇÃO E AÇÕES REALIZADAS

A intervenção foi realizada com professores por dois motivos significativos. O primeiro pela coleta de dados feita através das análises dos documentos da instituição de ensino, como a Ata do Conselho de Classe e a Ficha Espelho do aluno, os quais denunciam na fala do professor e nos seus registros, suas angústias e os conflitos gerados pela indisciplina. O segundo motivo, pela retirada frequente dos alunos de sala de aula, distanciando essa relação no processo pedagógico.

Damiani *et al* (2013, p. 11) ressaltam a importância da pesquisa com Projeto de Intervenção, visto que tem dois momentos significativos: “o método da intervenção (método de ensino) e o método da avaliação da intervenção (método de pesquisa propriamente dito)”. A pesquisa interventiva assume como princípio produzir reflexões sobre a prática, e posteriormente, mudanças significativas, qualificando a prática de todos os sujeitos envolvidos, bem como a sua avaliação. Assim, “o método da intervenção deve ser descrito pormenorizadamente, explicitando seu embasamento teórico. [...]. O método de avaliação da intervenção tem o objetivo de descrever os instrumentos de coleta e análise de dados utilizados para capturar os efeitos da intervenção” (p. 12).

A proposta metodológica utilizada na Intervenção se constituiu em Roda de Conversas que foi realizada na Semana Pedagógica do inverno de 2014, sendo que foi solicitado pela supervisão escolar e a direção que a intervenção fosse aplicada com professores da Educação Infantil ao Ensino Médio com a participação colaborativa da Coordenadora do SCT nas dinâmicas realizadas. Todo o processo foi submetido a constantes apreciações, a fim de que pudessem ser feitas as devidas reformulações que emergiram da equipe docente.

Esta Intervenção intitulada, “Indisciplina Escolar em Foco: Proposições Interventivas por parte da Equipe Gestora da Escola” foi aplicada no Colégio Gonzaga e teve como objetivo principal instrumentalizar os professores de conhecimentos e estratégias redefinidos pelo próprio sujeito ao entrar em contato com sua fala e seus conceitos sobre a temática.

A escola é um espaço onde, muitas vezes, os lugares ocupados não são reconhecidos pelo próprio aluno e pelo professor como de pertença, ficam distantes da proposta do projeto pedagógico da escola, do planejamento e da prática docente. A sala de aula passa a ser vista pelos sujeitos como um espaço sem sentido, onde a

assiduidade do aluno está meramente relacionada à frequência, porém este não participa, não interage com a construção da aprendizagem significativa, pois ela requer um esforço do aluno em conectar de maneira não arbitrária o novo conhecimento com a estrutura cognitiva existente. Quando os alunos aprendem de fato o mesmo conteúdo, eles partilham de significados comuns sobre a essência desse conteúdo. Entretanto, têm opiniões pessoais sobre outros aspectos do material, tendo em vista a construção peculiar desse conhecimento.

Segundo Augé (2012), “a distinção entre lugares e não lugares passa pela oposição do lugar ao espaço”, uma distinção das relações que se mantêm com esses espaços.

A partir dos dados levantados na pesquisa diagnóstica surgiu a necessidade de realizar essa proposta interventiva com os professores. Foram elencados dois motivos significativos, primeiro pela coleta de dados feitos através das análises dos documentos da Instituição de Ensino, como a Ata do Conselho de Classe e pela Ficha Espelho do aluno, os quais denunciaram na fala do professor e nos seus registros, suas angústias e os conflitos gerados pela indisciplina. O segundo motivo, pela retirada frequente dos alunos de sala de aula, distanciando essa relação no processo pedagógico de sala de aula.

A intervenção foi pensada a partir da fala dos professores e dos elementos elencados por eles nos documentos analisados, assim sendo no primeiro momento foi utilizado somente a relação professor e instituição, para depois dar continuidade ao trabalho interventivo a ser articulado nas rodas de conversas com os alunos no decorrer do próximo ano letivo.

Para Vasconcelos (2010), pensar sobre a relação professor, aluno e instituição é superar a dicotomia e a alienação sobre os limites que se estabelecem pelos vícios ou ranços instituídos ao longo do tempo, uma reprodução das relações de desconfiança entre os sujeitos envolvidos, em que:

A escola deve buscar, através de uma avaliação constante, superar a dicotomia que normalmente ocorre entre o discurso e sua prática: quer formar o aluno ativo, mas concentra as iniciativas no professor; quer formar o aluno responsável, mas não lhe dá oportunidade de assumir responsabilidades; quer formar o aluno autônomo, mas não dá oportunidade de tomar decisões; quer que o professor desenvolva autonomia do aluno, mas trata esse mesmo professor de forma heterônoma, etc. Este último aspecto, parece especialmente relevante. Se o próprio professor é tratado pela instituição numa relação de menoridade, como pode formar maioridade no aluno? A instituição desconfia da maioridade intelectual e afetiva do professor, não no discurso, mas na prática, na medida em que restringe a

sua liberdade e responsabilidade (...) As relações de infantilização (não autonomia) da instituição em relação ao professor, evidentemente, se reproduzem na relação deste com os alunos. A escola deve acreditar no professor, dar condições para sua participação e desenvolvimento, rompendo com o círculo da alienação do trabalho (VASCONCELLOS, 2010, p. 77).

Por isso a importância de qualificar o espaço escolar como um lugar no qual os sujeitos possam se rever e gerenciar conflitos de toda ordem de forma indisciplinar, como a rebeldia, a desobediência, o questionamento e a resistência ao ordenamento e ajustamento propostos através das regras e acordos sociais, a dificuldade de o aluno permanecer quieto, a conversa em sala de aula, a falta de atenção, o descumprimento das tarefas escolares, as agressões verbais e físicas e, até mesmo, a não adequação às expectativas da conduta e ao rendimento em sala de aula.

A Roda de Conversas foi a metodologia utilizada para trabalhar as ações do plano de intervenção durante a Semana Pedagógica. Utilizamos apenas num único dia, com a participação da equipe docente, contando com a colaboração da supervisão, coordenação pedagógica e coordenação do turno. A participação da Orientadora Educacional foi como mediadora das discussões e das dinâmicas.

Nessa dialogicidade apresentada pela Roda de Conversa, a reflexão crítica aparece como artifício construído coletivamente para desvelar as verdades ocultadas nos discursos e romper com as palavras e ideias discriminatórias e opressoras, levando assim os sujeitos a agirem sobre seu contexto e suas realidades. Para Freire (1996), a importância do exercício do diálogo na leitura do mundo a ser desvelado para o sujeito está na possibilidade de transformar-se e transformar a realidade na qual está inserido, tornando-se sujeito consciente no ato de educar em que segundo Freire (2013,p.95) "ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

A Roda, segundo Warschauer (2001, p. 46), surge no sentido simbólico no papel de reunir vários indivíduos com histórias diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, atravessados pelos diferentes significados que um tema desperta em cada participante, por isso é importante na fecundação do diálogo entre os sujeitos.

A proposta inicial era somente com os sétimos anos, onde foi feito o diagnóstico. Porém, a supervisão escolar solicitou que todos os segmentos, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, participassem desse momento.

Nas Rodas foram trabalhadas as concepções teóricas sobre a indisciplina, as contextualizações e relações entre o teórico tradicional no sentido de agregar outros olhares, o conceito em si e o que se discute atualmente, o manejo e as estratégias entre o ideal e o real no exercício da docência, as linhas de ações pensadas individualmente e socializadas no grupo, as dificuldades de gerenciar tais situações, pensando a prática docente de forma mais abrangente. Segundo Maturana (2000), esses momentos de capacitação entrecruzam-se com as conversações de formação humana, portanto é importante significar as ações pretendidas nas reflexões críticas da prática educativa.

As dinâmicas aconteceram nos dois turnos, por sugestão da equipe gestora. Cabe ressaltar que não foi possível realizar da forma como foi idealizado, uma vez por mês, devido às disponibilidades de horários, visto que a maioria dos professores desempenham atividades em outras escolas da rede pública de ensino em Pelotas.

O nome escolhido junto com a coordenação de turno (SCT) para a oficina Roda de Conversas foi “Tecendo Caminhos”, que traz a ideia da tecelagem, na qual os fios se entrelaçam para formar um novo fio. Esse título nos remete à ideia de “tecer conhecimentos”, movimentando no grande grupo os conhecimentos subjetivos na descoberta de desvendar caminhos a partir das incertezas e dúvidas, do certo e do errado, dando voz ao sujeito e suas angústias em um espaço onde eles possam compartilhar o vivido e o sonhado (FREIRE, 1996).

4 ROTEIRO DAS AÇÕES INTERVENTIVAS

4.1 Primeira Ação: Vídeo “Ex-ET”, uma alegoria sobre a normalização e a medicalização da diferença

A primeira ação realizada com os professores foi passar o vídeo “Ex-ET”, curta-metragem sobre exclusão. Sinopse da história: Em um planeta distante, a vida é absolutamente regulada e ordenada. Todos os seres agem de forma absolutamente metódica: todos trabalham da mesma maneira, se divertem da mesma maneira, se relacionam da mesma maneira. Todos são, inclusive fisicamente, quadrados. Na verdade, nem todos. Uma pequena criaturinha arredondada não age como os demais. Ao invés de fazer os mesmos movimentos repetitivos que as outras crianças-ET fazem – o que parece ser entendido como "brincadeira" –, esta peculiar criaturinha faz tudo diferente.

Esse é o mote do curta-metragem de animação francês “Ex-ET” (2008), dirigido por quatro animadores, dentre eles Benoit Bargeton. No curta, essa estranha criaturinha possui uma agitação totalmente atípica: corre de um lado para o outro, tira as coisas do lugar, bagunça toda a desejada ordem do local. Se fosse no planeta Terra, esse ETzinho seria facilmente diagnosticado como portador do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e provavelmente seria medicado com Ritalina, mas o que acontece com ele em seu planeta não é muito diferente disso. Após chocar e envergonhar seus pais e a comunidade com seu comportamento agitado e impulsivo, o ETzinho é levado para uma espécie de avaliação médica, que consiste de uma série de testes.

Esse curta instiga a pensar sobre a nossa prática docente e nossas concepções sociais sobre sujeito e a educação. Que tipo de crianças e adolescentes estamos recebendo na escola e de que forma eles estão sendo acolhidos? Portanto, cabe pensar sobre que sociedade é essa que queremos ajudar a formar.

Nessa ação apenas foi lançado o desafio de refletir sobre como essas imagens, que no olhar dos adultos tocaram cada um de maneira subjetiva, deixando a emoção falar por si só (figura 13).



Figura 13 – Fotografia do Curta-Metragem “Ex-ET”

4.2 Segunda Ação: Muro das Lamentações

A segunda ação analisada para este trabalho foi a do Muro das Lamentações, que tinha como objetivo compartilhar as frustrações e as indignações, trabalhando com os sentimentos na roda através de exemplos e vivências de problemas geradores de conflitos. Assim, os professores percebem que não estão sozinhos nesse contexto escolar.

O Muro das Lamentações consistia em um grande painel no qual construímos de forma simbólica tijolos de papel ofício pintado (figura 14). A ideia principal dessa dinâmica era colocar no concreto os sentimentos gerados pela frustração da não realização dos trabalhos e das ações planejadas para sala de aula, surgindo desses questionamentos a reflexão “o que me impede realizar uma aula significativa, aula que tenha um sentido para o aluno, que envolva na construção da aprendizagem participativa?” Foi registrado tudo o que desgosta o professor na sua prática, colocando a escrita no tijolo, passando da subjetividade para o concreto. Após terminarem, compartilhavam com o grande grupo seus relatos e se dirigiam até o muro para fixar seu tijolo.

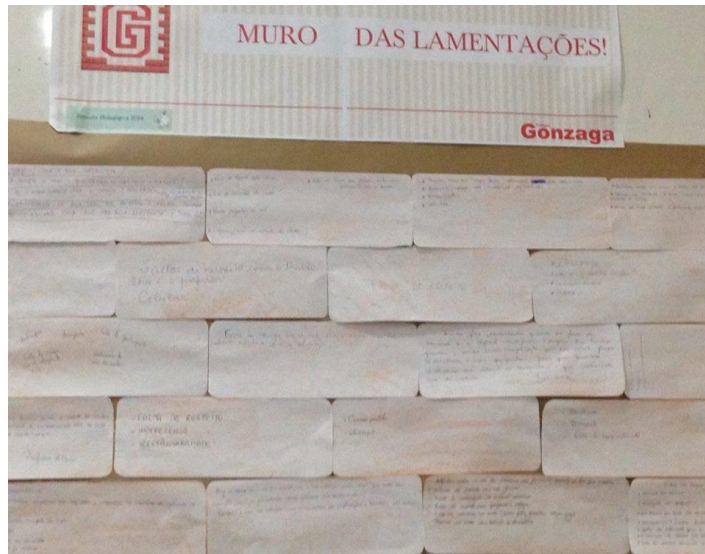


Figura 14 – Imagem de uma das ações desenvolvidas

É interessante relatar que, ao explicar como funcionaria a dinâmica para os professores, esses fizeram um burburinho, comentários acerca de expor seus sentimentos, se eles poderiam de fato colocar no tijolo o sentimento de desagrado, sem serem criticados, e alguns relataram medo de serem avaliados na sua competência profissional. Percebemos, através desses relatos, o quanto os professores se sentem engessados pelo sistema na relação de poder e de dominação, pois muitos se sentem sujeitados no controle sobre as ações. Para Foucault (2013), o exercício de poder passa por canais absolutamente tênues, imperceptíveis, formando uma malha da qual ninguém escapa, que faz com que cada um de nós seja, intrinsecamente, titular de certo poder e capaz de veicular poder, portanto o poder não passa apenas pelos olhos do professor, mas também do colega, que também vigia, que também controla, porque também exerce poder.

Expliquei que essa ideia da dinâmica surgiu como fomentadora da conversa que tínhamos nos corredores da escola quando eles me paravam e, quase sempre em tom de desabafo, se queixavam de não ter um espaço para falar.

Sempre nas reuniões do Conselho de Classe, as discussões eram direcionadas sobre o perfil dos alunos e da turma. Os outros espaços de formações oferecidos na escola pela coordenação eram muito técnicos, ou seja, voltados ao sistema UNO de Ensino e às tecnologias. Ele foi criado com base na experiência da Editora Moderna na edição de livros didáticos e paradidáticos, e persegue dois grandes objetivos: a aquisição de conceitos científicos e o uso desses conceitos

para a interpretação do mundo, sem trabalhar com sentimentos, escuta dos desejos e possibilidades no “inédito ao viável”. Segundo a ideia freireana, seria o caminho para superar as situações-limite, transformando-as em situações-desafio, apontando sempre para a possibilidade de um mundo melhor. Assim, muitos professores que participaram da roda trouxeram na escrita esse desejo de superar-se e de reinventar-se no seu fazer pedagógico, num ato de contínuo crescimento.

O sentimento de pertencimento ao grupo, quase nem aparecia antes da dinâmica iniciar, mas se tornou um espaço de participação dos professores. Sugestões apareciam na fala de cada um ao citar o que haviam escrito nos tijolos, e eles foram avançando e se apropriando do momento que estavam vivenciando, em que as pessoas, através da identificação, sentem a necessidade de pertencer ao grupo. Surgiu, então, um grupo que se propôs a refletir sobre a realidade em que vive a fim de atuar sobre ela e gerar melhorias a esse meio.

O que veio das escritas no Muro das Lamentações: “recursos estruturais que ainda não estavam funcionando”, “falta de coleguismo entre colegas docentes”, “muita disputa”, “autonomia do professor que se sente barrado”, “tempo e obrigatoriedade de desenvolver conteúdos engessados”, “falta de apoio”, “pais ausentes”, “falta de concentração dos alunos”, “falta de motivação dos alunos”, “brincadeiras inadequadas que desqualificam”. As questões elencadas me surpreenderam, pois achei que haveria somente queixas sobre os alunos indisciplinados contrário, houve queixas também das relações interpessoais entre colegas, numa crítica construtiva. Também apareceram questões estruturais de falta de material tecnológico efetivo como internet na sala de aula para os espelhamentos ligados à rede, do uso do Ipad e do planejamento, visto que o sistema UNO de Ensino apresenta um roteiro pronto e prazo do que deve ser trabalhado a cada bimestre em sala de aula.

Analisando todo o contexto e suas problematizações foi possível perceber como nosso corpo docente precisa desse espaço de troca, carente de atenção e de escuta, muitas vezes, sem eco às suas angústias. O que fazer? Como fazer? Tecnicamente é fácil de responder, mas afetivamente há uma lacuna, pois existe muitas frustrações geradas por não conseguirem pôr em prática uma aula planejada de forma diferenciada.

Algumas reflexões acerca do fazer pedagógico são significantes nas práticas docentes, não só em relação ao conteúdo, mas também à interação com seus

semelhantes, visto que o professor expressa sua consciência no seu fazer educacional, percurso permanente de escuta e interrogações sobre o que somos, revelando o perfil do professor na relação com o aluno, construindo uma aprendizagem mais humanizadora e atrativa. Segundo Arroyo (2000, p. 64),

As condições que impedem ou permitem essas aprendizagens são materiais, mas também são de estrutura, de organização e de clima humano ou de relações sociais humanas, culturais. Podemos ter escolas em boas condições físicas, equipadas, salários e condições de trabalho razoáveis e faltar clima humano. Porque as relações entre professores ou com a direção, entre educandos sejam distantes, formais, frias, coisificadas ou burocratizadas. Nessas condições materiais e de trabalho os alunos poderão até aprender nossas matérias, passar, porém não aprenderão uma matéria, a principal, a serem humanos. Nem os mestres mais vividos poderão ensinar, nem os alunos iniciantes nas artes de viver aprenderão em que consiste ser gente.

Sibilia (2012, p. 15-16) nos remete a pensar sobre os fatores envolvidos na crise do sujeito com a escola, nos diversos modos de ser e estar no mundo que se relacionam de forma conflitiva. Com tantas mudanças ocorrendo no colégio no processo de aquisição de novas tecnologias de ensino, bem como na transição entre série e ano, há questionamentos, sobre o papel do professor em relação ao contexto educativo, uma crise em que perpassam sentimentos de insegurança, provocando abalos nas certezas das abordagens realizadas.

Por um lado, então, temos a escola, com todo o classicismo que ela carrega nas costas; por outro, a presença cada vez mais incontestável desses “modo de ser” tipicamente contemporâneos. Tornou-se muito difícil evitar tamanha desarticulação com um olhar para outro lado, ou um fingir que não há nada acontecendo, ou em buscar em vão remendar esse artefato abstruso que ao que tudo indica, parece ter perdido boa parte da eficácia e seu sentido ao se deparar com a ova paisagem que cresceu ao seu redor. (...) afinal, estamos aludindo a uma transição entre certos modos de ser e estar no mundo, os quais sem dúvida eram mais compatíveis com o colégio mais tradicional e com as diversas tecnologias adscritas à linhagem escolar. Essas novas subjetividades que floresceram atualmente manifestam sua flagrante desconformidade com tais ferramentas, ao passo que se encaixam alegremente com outros artefatos.

Segundo a autora, para ressignificar o espaço escolar será necessário transformar a escola, redefinindo-a como um espaço de encontro e de diálogo, de produção de sujeitos pensantes e de sedimentação das experiências.

4.3 Terceira Ação: Árvore dos Sonhos

A terceira ação desenvolvida no plano foi a dinâmica da Árvore dos Sonhos, que teve como objetivo principal a reflexão de cada indivíduo sobre os seus projetos e seus sonhos, procurando concretizá-los (Figura 15).

Nessa dinâmica, eles deviam colocar numa folha de papel que simulava uma folha de árvore seus desejos e ideias de aula planejada e realizada, ou seja, o desafio de tornar as aulas mais significativas e prazerosas para os alunos. Foi um momento de grande euforia e suspiros por parte dos participantes, um desafio e tanto, pois remete à autocrítica do próprio planejamento. A proposta era para que não fosse feito nenhum juízo de valor e sim de realidade, pensando no que estava dando certo e naquilo que ainda não estava de acordo com seu planejamento, com seu ideal. Foi incrível a forma como se mobilizaram e trocaram ideias.

Pensar no campo das possibilidades desacomoda as nossas certezas, mudar muitas vezes é difícil, mas é possível. Segundo Freire (1982), a importância de compreender a história como uma possibilidade é o inédito-viável como uma alternativa construída a partir da vivência crítica do sonho almejado. Sonhar na perspectiva da construção do inédito-viável expressa possibilidades de superação das dificuldades através das práticas educativas reflexivas e críticas articuladas na coletividade do cotidiano escolar.

O que se destacou nas folhas da Árvore dos Sonhos foi: “trabalhar dinamicamente”, “ter espírito infantil”, “persistência”, “paciência”, “aceitação”, “colaboração”, “espírito de equipe”, “diversificar as estratégias de ensino e aprendizagem”, “usar mais a arte, a criação, criatividade, as tecnologias”, “entender os problemas do aluno”, “intercalar os assuntos de acordo com os interesses dos alunos”, “trabalhar com o diálogo, a harmonia, interação com a participação de todos”, “sentir prazer no que faz”, “alegria, afeto, respeito”, “ousar, inovar sem medo de perder o controle da sala de aula”.

Para Freire (2013), educar é construir e libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da história na identidade cultural, tanto na sua dimensão individual como coletiva. Sem respeitar essa identidade e sem levar em conta as experiências vividas pelos educandos antes de chegar à escola, o processo não terá significação real.

A relação dialógica entre educador e o educando supõe uma troca na qual os “homens se educam”, um conhecimento crítico e reflexivo no qual vai se desvelando a realidade construída, o homem passa a pensar e a se posicionar diante dessa realidade percebendo a necessidade de transformar, descobrindo-se como um ser histórico que faz parte da construção do mundo em que vive. O diálogo¹ se faz muito importante, principalmente se o professor souber ouvir e problematizar os questionamentos de seus alunos, funcionando como um mediador e facilitador da aprendizagem no processo de reorganizar os conhecimentos, que vão sendo reconstruídos na realidade que os cerca.

O medo de o educador ousar um “método libertador” sem perder a autoridade² leva-o, muitas vezes, a se manter preso somente ao conteúdo e à prática do ensino tradicional, que se percebe engessado na rigidez. Vale ressaltar que não temos a pretensão de desqualificar o tradicional, mas sim de evidenciar algumas mudanças nas relações de se estabeleceram de forma opressora.

Por isso a importância de tornar o educando um sujeito consciente e crítico é ter bons argumentos no diálogo que irá se estabelecer na defesa dos pontos de vista diferentes, em que os conhecimentos são construídos na troca entre os sujeitos, não na imposição de ideias.

O educador humanista, revolucionário, não há de esperar esta possibilidade. Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crenças no seu poder criador. Isto exige dele que seja um companheiro dos educandos, em suas relações com estes (FREIRE, 2013, p. 86).

A função social da escola é preparar o sujeito para além da aquisição de conteúdos, tornando-os seres capazes de compreender a realidade em que vivem, preparados para atuar com criticidade, autonomia, conscientes dos seus direitos e deveres, inseridos no mundo do trabalho, na intervenção crítica e consciente da vida em sociedade. Freire (1996, p. 29) destaca “a importância do papel do educador, o

¹ “O diálogo, para Freire, como dimensão ontológica do humano é sempre condição de necessidade e de liberdade, é construção histórica, referenciada pela necessária e compulsória presença do outro, como alteridade e não mesmidade” (GHIGGI, 2008).

² No conceito de autoridade em Freire (2002), escola só terá legitimidade para discutir a necessidade de disciplina e participação do educando se estiver ligada à vida dos sujeitos que recebe, cobrando responsabilidade individual e coletiva. A disciplina pode decorrer da necessidade sentida pelos envolvidos e não instrumento de coerção ou cerceamento da liberdade.

mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”.

A escola é o lugar da socialização do poder e do saber, na visão democrática da relação professor-aluno. A prática pedagógica e os casos de indisciplinas são temáticas significativas que estão interligadas e requerem uma atenção especial ao estudo aprofundado para conhecer os reflexos dessa relação no cotidiano escolar. É uma guerra de poder e resistência.

A ambivalência nas ações entre os sujeitos envolvidos leva a crer que determinados comportamentos parecem assumir conotações diferentes. Deste modo, é difícil especificar o que é indisciplina, visto que o comportamento é considerado indisciplinado para alguns professores e para outros não. Pode ser apenas um excesso de dinamismo, criticidade, uma manifestação da fase em que se encontram.

Por sua vez, os professores tomam diferentes posturas frente aos comportamentos indisciplinados, o que pode dificultar a percepção do aluno de quais desses comportamentos podem ser inadequados. Se em uma turma o professor sanciona punitivamente um tipo de comportamento e outro professor não sanciona, essa falta de unidade de ação da equipe docente deixa os alunos confusos, dificultando-os na percepção sobre o que deve ou não ser considerado indisciplina. Por isso, a intenção propositiva da pesquisa realizada foi de qualificar o olhar docente num movimento crítico e reflexivo ao compartilhar suas experiências e suas angústias através da roda de conversas, dando voz ao sujeito para pensar e ressignificar sua práxis no espaço escolar a fim de rever e refazer caminhos, gerenciando conflitos de toda a ordem indisciplinar.

A educação, segundo Freire, tem um papel muito importante no sentido de libertar o homem dessa cultura determinista, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades. Nesse contexto entra então o papel do educador na sua prática reflexiva do pensar certo e da força do testemunho, do ato comunicante como co-participativo, jamais sendo um produto de uma mente burocratizada, mas com a consciência do inacabado e das possibilidades de mudança.



Figura 15 – Fotografia da Árvore dos Sonhos

4.4 Quarta Ação: Tijolo em Branco

A quarta ação plano foi o Tijolo em Branco. Foi repassado a cada professor que estava participando da Roda de Conversas um tijolo em branco com a proposta de pensar metas de ações para o próximo semestre letivo. O objetivo era não permitir que tudo o que foi discutido e compartilhado ficasse somente no plano do discurso, as questões elencadas e compartilhadas por todos deveriam ser fonte de motivação para a mudança. Entretanto, devido ao pouco tempo que foi nos dado, deixamos para o próximo encontro a retomada do que foi fomentado na ocasião.

Acertamos que na próxima Semana Pedagógica, que ocorre no início do ano letivo, seriam discutidas as ações escritas nesse tijolo em branco. Portanto, essa ação não se finalizou, mas ficou como uma meta a ser retomada em 2015.

O papel do Setor de Orientação Educacional será o de dar continuidade, mediando, articulando e explicitando o desvelamento entre o real e o desejado no contexto escolar, visto que os dados obtidos nesses encontros nos auxiliam a promover e a disponibilizar com qualidade a construção coletiva da subjetividade, trabalhando o concreto e o simbólico da cultura escolar.

Segundo Grinspun (2008, p. 88), o papel do Orientador Educacional tem uma importância relevante.

O orientador atua junto com os demais professores da escola, participando de um projeto coletivo, de uma formação de um homem coletivo, procurando identificar as questões das relações de poder, das resistências dentro e fora da escola e do como e do porquê dever agir juntos em prol de uma educação transformadora e, especialmente, junto aos alunos no desenvolvimento do que caracteriza sua subjetividade.

Para a autora, a fim de que a noção de subjetividade seja compreendida no contexto escolar devemos ir em busca de novos paradigmas em educação, visto que vivemos num mundo complexo e não podemos disputar entre as relações que permeiam o conhecimento, mas sim buscar viver em harmonia com o todo e, para que de fato aconteça, todas as partes devem participar, pois dependemos uns dos outros no contexto educacional.

4.5 Quinta Ação: Avaliação da Roda de Conversas

A quinta e última ação desenvolvida foi a avaliação da Roda de Conversas, pois devemos estar em permanente avaliação das ações propostas no ambiente escolar. Nessa ação os professores se reuniram em pequenos grupos. Portanto, não ocorreu de forma individual e sim no compartilhamento das ideias.

Nas avaliações de grupo apareceram relatos das falas como:

- “Adoramos participar de um momento reflexivo em que revimos nossas práticas e atitudes. Nos sentimos muito valorizadas, pois foi possível discutir como orientar melhor nossos alunos em práticas compartilhadas, a roda deve acontecer mais vezes.”
- “As reuniões poderiam ser mais frequentes, essa interação com a equipe auxilia a fortalecer o grupo. Os professores devem passar por uma avaliação sistemática, pois quanto mais nos avaliamos, mais crescemos enquanto indivíduos.”
- “Consideramos que esse momento foi importantíssimo e gostaríamos que mais vezes fosse proporcionado, pois nos motiva a recuperar nossos atos enquanto professores e equipe, além de elencar melhorias e dividir as angústias, compartilhando momentos positivos.”

- “Acreditamos ser de extrema valia esse tipo de discussão, pois assim descobrimos que não estamos sozinhos. Todos os colegas compartilharam das mesmas angústias, inseguranças e conflitos.”
- “Deveria haver mais momentos como esses, pois na roda se discutiu muitos assuntos pertinentes à educação, contato direto entre os professores e as coordenações.”
- “Os momentos de conversas em roda devem ser mais frequentes, sendo levado em consideração os pedidos e angústias dos professores e as tomadas de decisões junto com a equipe gestora”.
- “É importante se autoavaliar individualmente e no coletivo. O resultado será com certeza refletido na sala de aula”.
- “Acreditamos que este momento é enriquecedor, pois o professor tem a liberdade de compartilhar suas apreensões acerca do que é o processo de aprendizagem. Esses momentos nos proporcionam expor e debater estratégias que podemos utilizar para solucionar problemas que vivenciamos no ambiente escolar.”
- “Rodas devem acontecer bimestralmente, a roda é produtiva, democrática e tem esperança no efeito sobre a prática.”
- “A roda foi válida, bastante produtiva, achamos que devem acontecer outros encontros.”
- “Mais encontros para discutirmos assuntos relacionados com alunos, problemas disciplinares e especiais. Ótimo encontro.”
- “Acreditamos que a roda de conversa é sempre válida e produtiva na reflexão da prática docente. É sempre bom ouvir relatos de experiências dos colegas.”
- “A roda de conversa hoje foi muito proveitosa porque podemos expor nossas angústias e anseios, trocando experiências com os colegas, fazendo com que não nos sintamos solitários em relação às adversidades enfrentadas no ambiente educacional. Gostaríamos que houvesse mais momentos como este, para que a motivação seja constante em nosso desempenho na sala de aula.”
- “Os momentos de roda foram muito construtivos, já que podemos compartilhar receios, dúvidas e angústias com os colegas, fazendo com que

não nos sintamos solitários em nossa prática docente, já que, em determinados momentos, ficamos angustiados pensando que os casos de indisciplina ocorrem somente conosco, pondo em xeque a nossa posição como autoridade em sala de aula. Sugiro que as rodas sejam feitas, no mínimo, bimestralmente, para que tenhamos um convívio e a troca de experiências com os colegas da instituição.”

Quase todos destacaram o quanto o espaço de roda, de escuta, de diálogo e de compartilhamento de sentimentos trouxe em cada sujeito um sentimento de pertencimento, ao refletirem sobre a importância do seu papel na vida do aluno. A atividade instigou em cada um o ato de refletir, estudar, rever-se e principalmente reler-se através da compreensão do outro, envolvendo a todos que fazem parte do contexto educativo. Segundo Warschauer (2001, p. 35),

a distância do vivido permite mudar a própria ação. Não significa alienar-se, mas antes de tudo, tornar-se sujeito do que faz. Um sujeito que exerce a constante crítica de sua atuação, levando em conta a origem e as consequências das próprias atividades. A reflexão é “um esforço da autocrítica, que permite desfazer-se tanto das dúvidas quanto das falsas justificativas e representações. É, ainda, criativo – porque dá segurança na escolha das opções e, conseqüentemente, maiores possibilidades de realizações”.

Uma das características mais marcante desse encontro foi perceber o quanto a maioria estava carente desse espaço de diálogo. No dia a dia escolar, muitas vezes as conversas acontecem nos corredores e se perdem por não ter o eco desejado, em função da dispersão do próprio momento.

Portanto, nada como sentar-se em uma roda sob a organização de um coordenador para garantir o espaço individual e coletivo com os colegas, compartilhando os anseios, as dúvidas e as angústias, problematizando com os indivíduos que possuem histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, despertando em cada um significado diferente nas abordagens realizadas.

Ao se lançar nesse desafio com o grupo, cada participante se constrói na relação com o mundo e consigo mesmo, desvendando os caminhos das incertezas, oportunizando construir a própria história e recriando-se a cada dia.

Vale ressaltar que a proposta de trabalho para o próximo ano letivo vem ao encontro do que fomos construindo nessa primeira etapa, dando continuidade às discussões com professores e equipe pedagógica, criando novos espaços de rodas

também com alunos, professores e a instituição, oportunizando o diálogo e a percepção do envolvimento de cada sujeito como peça fundamental nas relações educativas, pensando juntos em novas propostas de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão das ações desenvolvidas na intervenção traz uma importante percepção a respeito das discussões formativas, que são significativas e pertinentes ao momento em que nos encontramos. Por si só, não se esgotam num único encontro, mas abrem um leque de possibilidades de pensar o sujeito e seu espaço, possibilitando que ocorram outros momentos de Roda de Conversas, nos quais a busca do ideal seja possível dentro do real vivido no cotidiano escolar.

Para tanto, é necessário pensar sobre a prática docente como uma das ligações fundamentais no processo de “refazimento” da escola, visto que as práticas não são neutras, pois se agem de modo inconsciente ou consciente, podem contribuir para reprodução das desigualdades sociais ou para transformação social.

A proposta iniciada com esses professores transcorreu de maneira surpreendente, visto que inicialmente seria somente com os Anos Finais, e acabou acontecendo com todos os segmentos do colégio que vieram a somar com o trabalho realizado.

Existe um desejo muito grande, por parte dos docentes, de continuidade desses momentos formativos que foram intensos com os participantes. Nesses sete anos em que trabalho no colégio, foi a primeira vez que vi professores motivados e envolvidos de fato, participando e compartilhando conhecimentos numa formação. Quando as formações aconteciam, eram quase sempre pautadas em discussões prontas sobre os planejamentos e os projetos para o ano letivo.

Foram construídos espaços para ouvir os professores no coletivo, relatando suas vivências individuais carregadas de dúvidas e angústias sobre a relação que se estabelece com os alunos em sala de aula. Tal ação não deve se perder para o próximo ano letivo, afinal a educação é contínua. Parafraseando Freire, ressalto a importância de compreender que mudar é difícil, mas é possível.

Isso nos faz recusar qualquer posição fatalista que empresta a este ou àquele fator “condicionante” um poder “determinante”, diante do qual nada podemos fazer. Não podemos aceitar a passividade, mas sim intervir no mundo em que vivemos. O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta por fazê-lo.

O indivíduo se constitui como membro de uma sociedade nos grupos em que convive. Freire propõe uma educação problematizadora e dialógica, que busca eliminar a dicotomia entre educadores e educandos, apontando para uma

perspectiva de organização social mais justa, solidária, transformadora do mundo, enfim, da realização do ser mais humano a partir da escola.

Há uma diferença fundamental entre a educação bancária, que basicamente atua na transmissão de conteúdos de forma autoritária e unilateral, e a educação problematizadora e dialógica, que busca a produção do conhecimento entre todos os sujeitos envolvidos.

É preciso pensar na escola como local de encontro dos diversos grupos que formam a sociedade, e não podemos falhar na mobilização da comunidade escolar para a vivência de práticas democráticas, por isso o professor precisa se abrir para o novo, pensar e produzir seu saber.

A postura que os professores podem assumir frente ao novo identifica diferentes modos de pensar a profissão, o que pode ser entendido como uma constante aprendizagem, parte de um movimento permanente de busca. Nesse sentido, Freire (1996, p. 64) afirma que "a consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca".

Para Demo (2004, p. 11), o professor na sociedade intensiva de conhecimento é figura estratégica, visto que tem uma importância fundamental no desafio de cuidar da aprendizagem.

Por figura estratégia entendo sua centralidade na constituição e funcionamento da sociedade, ocupando lugar decisivo e formativo. Não só a demanda por professores vai aumentar muito, como principalmente os reclamos sobre sua qualidade vão crescer exponencialmente. Dificilmente o professor será o que é. Em geral, hoje: alguém que dá aula transmite conhecimento, instrui, e ensina. Mais que outras profissões esta precisa de reconstrução completa, dentro da máxima: ser profissional hoje é, em primeiro lugar saber renovar, reconstruir, refazer a profissão. Isto não denigre o desafio do domínio de conteúdos, mas, como esses se desatualizam no tempo, é fundamental saber renová-los de maneira permanente. Para os renovar, não basta conhecimento transmitido, reproduzido. É essencial saber reconstruir com mão própria.

É importante destacar que, após as férias de julho, houve uma melhora significativa na relação de confiança e de apoio entre a equipe docente e os setores da escola. O tipo de dinâmica utilizada na Roda de Conversa diminuiu a distância e aproximou consideravelmente o professor da equipe gestora. Houve uma diminuição da saída dos alunos das salas de aulas, principalmente nos Anos Finais.

A turma analisada estava frequentando a oitava série em 2014 e quase não houve ocorrências, e os próprios alunos retornaram relatando ao setor de orientação a mudança dos professores. Essa mudança já vinha acontecendo desde o início do ano letivo, visto que durante a Semana Pedagógica de fevereiro conversamos sobre o perfil do aluno e da turma, não como forma de rotular, mas de buscar estratégias numa linha de ação dinâmica e interacionista na qual a afetividade e a empatia estivessem presentes, pois no ano de 2013 a turma foi considerada problemática, com alunos saindo com muita frequência da sala de aula.

Aos gestores da escola compete mediar as vozes que se encontram nesse espaço, para que no final o conjunto resulte em uma harmonia gerada no diálogo e na participação coletiva e, por isso mesmo, investida de uma nova concepção de homem e sociedade. Uma escola onde os sujeitos participam em equipe na construção desse modelo de trabalho pautado no diálogo e na afetividade, certamente tem mais possibilidades de ter sucesso nas suas ações pedagógicas.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio. **Confrontos na sala de aula**: uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas práticas. São Paulo, Summus, 1996.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução: Maria Lúcia Pereira. 9.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

ARROYO, Miguel. **Ofício do mestre**: imagens e auto-imagens. São Paulo: FDE, 2000.

CAULLEY, D. **Document analysis in program evaluation**. Portland: Or.Northwest Regional Education Laboratory, 1981.

COLÉGIO GONZAGA. **Projeto Político Pedagógico**. www.colegiogonzaga.com.br

D'ANTOLA, Arlete (Org.). **Disciplina na escola**: autoridade versus autoritarismo. Temas básicos de educação e ensino. São Paulo: EPU, 1989.

DAMIANI, Magda F.; ROCHEFORT, Renato S.; CASTRO, Rafael F. de; DARIZ, Marion R.; PINHEIRO, Silvia S. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, n.45, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3822>> Acesso em: 20 nov. 2014.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DURKEIM, Émile. **A educação moral**. Tradução: Evaristo Santos. Portugal: RES. Editora LTDA, 1934.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. São Paulo: Folha de São Paulo, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalheite. 41.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos R.(Org.). **O Educador Vida e Morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 22.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 54.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, Ana L. S.; GHIGGI, Gomercindo; PEREIRA Thiago I. (Orgs.). **Paulo Freire em diálogo com outros (as) autores (as)**. Passo Fundo, RS: Méritos, 2014.

GHIGGI, Gomercindo. **A pedagogia da autoridade a serviço da liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação.** Pelotas: Seiva, 2008.

GRINSPUN, Mirian Paura S. Zippin (Org.). **Supervisão e orientação educacional: perspectiva de integração na escola.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1986. pp. 56-74.

MATURANA, Humberto. **Formação humana e capacitação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PERRENOUD, P. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar.** Porto: Porto Editora, 1995.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

TRUJILLO, F. A. **Metodologia da ciência.** 3.ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **(In) Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 4. São Paulo: Libertad, 2010.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1 – Projeto Político-Pedagógico

Colégio
Gonzaga

INSTITUTO EDUCACIONAL LUIZ DE CAMÕES LTDA

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

PELOTAS

- 2012 -

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Sumário

Item	Assunto	Página
01	Dados de Identificação da Instituição	02
02	Introdução	02
03	Histórico	02
04	Nossa História	02
05	Linha do Tempo	03
06	Diagnóstico	03
07	Indicadores do Contexto Escolar	03
08	Contexto do Colégio Gonzaga	05
09	Fundamentos	06
10	Filosóficos	06
11	Visão	06
12	Missão	06
13	Valores	06
14	Psicopedagógicos	06
15	Planejamento	06
16	Ideologia	07
17	Nossa Meta	07
18	Objetivo e Metodologia	07
19	Intenção Pedagógica	07
20	Proposta Pedagógica	08
21	Na Educação Infantil	08
22	No Ensino Fundamental	09
23	No Ensino Médio	10
24	Avaliação da Aprendizagem por Competências	10
25	Princípios Básicos	10
26	Acompanhamento e Registro	11
27	Organização Administrativa	11

28	Formação das turmas	11
29	do Ambiente Físico	11
30	Salas de aulas	11
31	Pracinha infantil	12
32	Salas especializadas	12
33	Ferramentas pedagógicas	12
34	Ocupação das salas de aulas	12
35	Equipe multiprofissional	13
36	Referências bibliográficas	13

I – IDENTIFICAÇÃO:

Coordenadoria de Educação: 5ª Coordenadoria Regional de Educação;

Estabelecimento: Colégio Gonzaga: Escola de Educação Básica;

Endereço: Praça José Bonifácio, 166 – Centro;

Cidade: Pelotas/RS; CEP: 96.015-170;

Fone: (53) 3284 – 9400; FAX: (53) 3284 – 9400;

Endereço Eletrônico: www.gonzaga.com.br;

E-mail: gonzaga@gonzaga.com.br

Nº Cadastro no CEED: Nº 1107, 06/04/2004, CEE/RS;

Entidade Mantenedora: Instituto Educacional Luiz de Camões Ltda.;

Endereço: Praça José Bonifácio, 166 – Centro;

Cidade: Pelotas/RS CEP96. 015-170;

Fone: (53) 3284 – 9400;

Dirigente: Carlos Manuel Rino Santo;

Endereço: Rua Dr. Armando Fagundes, 696 – Areal;

Fone: 91228444;

RG: 1014053721; CIC: 259.277.360-68;

Dependência Administrativa: Colégio Particular;

Cursos Autorizados: Ed. Infantil; Ensino Fundamental; Ensino Médio.

II INTRODUÇÃO:

O Colégio Gonzaga através deste Projeto Político Pedagógico visa registrar sua filosofia educacional, seus princípios e os fundamentos de sua pedagogia, resultantes de um processo histórico, ao longo do qual suas raízes foram fortalecidas e alimentadas pelo espírito cristão que fomenta a solidariedade, o respeito e a busca do saber como forma de construção do cidadão de forma plena.

Tendo presente à legislação em vigor, procura auscultar os anseios e expectativas da comunidade escolar de modo que seja a reunião democrática de suas idéias.

III – HISTÓRICO:

3.1. Nossa História.

O início das atividades do Colégio Gonzaga na cidade de Pelotas data de 04 de março de 1895. Foi o sacerdote jesuíta baiano José Anselmo de Souza, quem fundou o educandário, à época sob a denominação de Escola São Luiz Gonzaga. A instituição foi dirigida pelos jesuítas até 1925, tendo o auxílio dos irmãos Maristas de 1910 a 1925, quando os lassalistas assumiram o Colégio.

Em 118 anos de história, o Gonzaga passou por grandes reformas, tendo sido pensionato, faculdade e banco. Também foi ponto de encontro da juventude, no famoso “Coqueiro da Esquina” e fundou a banda que é Tricampeã Nacional.

O Colégio é confessional católico, possuindo um Núcleo de Pastoral que zela pela formação dos alunos, garantindo inspiração cristã aos indivíduos e à comunidade escolar, com catequese para Primeira Eucaristia, Grupos de Jovens e campanhas solidárias.

A partir de 2004, o Colégio entrou em uma nova fase ascendente, modernizando a estrutura física e pedagógica, através de projetos inovadores, desenvolvidos da Educação Infantil ao Ensino Médio. Hoje, ele conta com cerca de 1.166 alunos e é referência em educação na cidade.

3.2. Linha do Tempo.

1895 - Fundação da Escola São Luiz Gonzaga pelo sacerdote jesuíta baiano José Anselmo de Souza;

1902 - O Gonzaga é previamente equiparado ao Colégio D. Pedro II, do Rio de Janeiro, chamando-se Ginásio São Luiz Gonzaga;

- 1905 - Primeira reforma, da escola sendo construído um prédio de dois pisos, em estilo neoclássico;
- 1910 - Chegaram os primeiros irmãos maristas para lecionar no Curso Primário;
- 1913- Criação do Curso Comercial;
- 1916- Começou a funcionar o pensionato;
- 1923- Fundação da Academia Literária Rui Barbosa, na Congregação Mariana que começava a funcionar;
- 1924- Fundação definitiva da Congregação Mariana Nossa Senhora da Glória (externos) e Nossa Senhora do Rosário (internos);
- 1926- Os irmãos Lassalistas substituem os padres jesuítas no Gonzaga. Teve início o regime de internato para alunos de outras cidades (permanecendo até 1967);
- 1937- Fundação da Escola Superior de Comércio. Ainda nesse ano a Escola foi oficializada com o nome de Faculdade de Ciências Econômicas;
- 1943- Foi criado oficialmente o Curso Científico. E a denominação Ginásio Gonzaga foi substituída pela de Colégio Gonzaga;
- 1955- A faculdade de Ciências Econômicas foi doada à Mitra Diocesana de Pelotas, completando o número de Faculdades para a Universidade Católica;
- 1958- Surgiu a Banda Marcial que se consagrou tricampeã nacional;
- 1960- Fundação da Associação de Pais e Mestres do Gonzaga (APAMEGON);
- 1962- O prédio do Colégio Gonzaga sofreu novas modificações internas e externas, além da construção de mais um piso, confirmando-se a estrutura atual;
- 1965- Realização da primeira Olimpíada das cores. Fundação do Coral dos Pequenos Cantores;
- 1971- O Gonzaga começou a matricular alunas;
- 1983- Inauguração do Ginásio de Esportes;
- 1995- Comemoração e festejos do Centenário durante todo o ano;
- 2003- A Mantenedora Sociedade Porvir Científico da Província La Salle decide fechar o Colégio Gonzaga;
- 2004- A Mantenedora Luiz de Camões assume o Colégio Gonzaga;
- 2010- Colégio completa 115 anos e seu prédio histórico é adquirido pela Mantenedora Luiz de Camões.

IV – DIAGNÓSTICO:

4.1. Indicadores do Contexto Escolar.

O Colégio Gonzaga está localizado no Município de Pelotas, na Praça José Bonifácio, Nº 166, Centro, CEP 96015-170.

O Município de Pelotas, situado às margens da Laguna dos Patos, a 7m acima do nível do mar e a 252 km da capital, Porto Alegre, conta com 327.778 habitantes, em que 28% se encontram na faixa Etária de 0 a 19 anos. Do total de habitantes, 93,3% vivem na zona urbana e apenas 6,7% na zona rural, numa área territorial de 1.610,091 km². Pelotas é o município mais populoso da Zona Sul.

Seu clima é subtropical; a temperatura média é de 17,6°C. Tem como característica uma elevada umidade atmosférica com formação de nuvens e nevoeiros.

Está situado às margens do Canal São Gonçalo, navegável em toda a sua extensão, que liga a Lagoa Mirim – importante reservatório de água doce – à Laguna dos Patos, as maiores do Brasil. As bacias de ambas recebem 70 % de volume de águas fluviais do RS. Esta localização tem importantes reflexos sobre os aspectos físicos e econômicos do município. Sua localização geográfica também é privilegiada por se localizar na confluência das rodovias BR116, BR392 e BR471, que juntas fazem a ligação aos países do MERCOSUL e a todas as capitais e portos do Brasil.

O contexto local tem sua economia baseada no agronegócio, comércio e serviços. Sua estrutura de comércio e serviços está dimensionada para atender a população da cidade e de 27 outras cidades da região. O custo de vida é de 20 a 30% mais barato do que em Porto Alegre, especialmente em relação à habitação e à alimentação, apresentando uma renda per capita média de R\$755,00.

Pelotas possui em sua estrutura física de comércio e serviços, uma diversificada oferta de estabelecimentos de todos os setores e gêneros de atividade econômica. Mais de 56% do comércio e dos serviços da região ocorrem na cidade.

Já na Indústria, conta com 1.222 unidades locais (empresas) que empregam 11.550 pessoas (IBGE, 2002). Mantém destaque nacional na agropecuária, tendo em vista que é a maior produtora de pêssego para indústria de conservas do país, além de outros produtos. Detém a maior bacia leiteira, além de possuir expressiva criação de cavalos e ovelhas (28% do rebanho de eqüinos e 30% da produção de lãs).

Todas as grandes instituições financeiras (Brasil, Bradesco, Nossa Caixa, Nosso Banco, Real, Santander, Caixa Econômica Federal, Itaú, Unibanco, Mercantil, HSBC Bamerindus, SICRED, UNICRED) atuam na praça, geralmente, contando com várias

A população pelotense é constituída por 28 etnias o que evidencia sua diversidade e riqueza cultural, sendo considerada a cidade mais européia do extremo sul do Rio Grande do Sul, na distribuição étnica as pessoas foram cadastrados em grupos raciais apresentando um resultado de 81,9% brancos, 9,96% negros, 7,4% pardos, 9,98% indígenas e 4,98% amarelos, os demais não definiram suas características.

No turismo, apresenta diversificada rede hoteleira e restaurante, movimentada vida noturna, com constantes atrações turísticas e culturais.

Realiza a FENADOCE, que se caracteriza como o maior evento turístico da região sul e a Feira do Livro com lançamentos de livros de autores pelotenses, sendo sempre prestigiada pela Academia Pelotense de Letras.

Pelotas, com um índice de alfabetização de 95,7%, índice de mortalidade infantil de 15 para 1.000 nascidos vivos, apresenta uma expectativa média de vida de 72,6 anos (70,1 homens e 74,5 mulheres).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) tem crescido e a dimensão Educação foi a que mais contribuiu para esse crescimento. O IDH do Município de Pelotas em 2000 é de e segundo a classificação do PNUD, o município está entre as regiões consideradas de alto IDH, ocupa a posição de um total de 5507 municípios.

No que diz respeito à educação, Pelotas apresenta excepcionais condições, sendo conhecida como um dos principais centros educacionais do Estado e Região Sul do Brasil.

Dados do Município de Pelotas	Redes Escolares	Matrículas no Município de Pelotas	Docentes	Escolas
Ensino Fundamental	Consolidado	48.096	2.716	132
	Estadual	19.970	925	48
	Federal	--	--	--

	Municipal	21.931	1.389	63
	Privada	6.195	402	21
Ensino Médio	Consolidado	12.677	945	32
	Estadual	8.515	498	20
	Federal	1.338	180	2
	Municipal	1.392	130	1
	Privada	1.432	137	Nove
Educação Infantil	Consolidado	4.051	429	110
	Estadual	186	9	6
	Federal	---	---	--
	Municipal	2.449	291	68
	Privada	1.416	129	36

4.2. Contexto do Colégio Gonzaga em 2012:

Nível de Ensino	Nº de Matrículas	Nº de salas de aulas utilizadas	Nº de Professores	Valor médio da mensalidade
Consolidado	1072	Manhã: 19/ Tarde: 27	68	463,66 (497.039,92)
Ed. Inf.	134	Manhã 03	09	373,45 (50.042,30)
		Tarde 04		
E. F. Manhã	185	07	47	438,14(81.055,90)
E. F.Tarde	457	19		454,92(207.898,44)
E. M. Manhã	296	09	29 =15+ 14 (tbEF)	533,93(158.043,28)
E.M. Tarde- Terceirão	*107 incluídos nos 296	04		-----

O Colégio disponibiliza para uso da comunidade escolar a sala da biblioteca, com biblioteca infantil, que contém 2.284 exemplares de devidamente catalogados, de um universo de mais de 5.000 exemplares que constituem o acervo da biblioteca.

O Colégio conta com Ginásio Coberto, Sala de Multimídia, Teatro (Auditório, Sala de Dança, Sala de convivência, Pracinha Infantil, Capela, Salas Inteligentes, Laboratórios de Química, de Física, de Biologia, Pavilhão de Ginástica Artística, Sala de Judô, CTG.

Salas com TVs 42". Em 2013 as salas de aula estarão estruturadas para o trabalho informatizado, com Ipad

O Colégio Gonzaga apresenta um índice de evasão igual a zero e, dentre as escolas privadas, está no 4º lugar no ENEM 2011, no Município de Pelotas.

Observa-se que 67,95 % das crianças não possuem irmãos no Colégio, 28,32 possuem 1 irmão e 3,72% possuem 2 irmãos. Anualmente o nº de matrículas tem crescido, de modo que de 2004 a 2012 o aumento foi de 43,9%.

V – Fundamentos:

5.1. Filosóficos:

5.1.1. Visão

Ser um centro de referência em educação básica e superior no Rio Grande do Sul, formando um novo cidadão crítico e ético.

5.1.2. Missão

Promover o desenvolvimento do educando, com base no processo pedagógico, cristão, ético, filosófico e cultural, com o objetivo de assegurar a construção de um cidadão crítico, capaz e comprometido com o meio.

5.1.3. Valores

Difícil enumerar os diversos valores que compõem a alma Gonzagueana, afinal de contas, desde 1895 são muitas histórias para contar. Nesta caminhada centenária, podemos destacar alguns valores primordiais que fizeram, fazem e sempre farão parte da nossa instituição.

Os Gonzagueanos sempre foram conectados com Deus e comprometidos com a comunhão entre as pessoas através de gestos de afetuosidade, hospitalidade, solidariedade e respeito ao próximo. Todo aluno, professor ou funcionário do Gonzaga sempre prezou pela ética, justiça e paz em todos os níveis da vida, através de exemplos e posturas, encontros de reflexão e formação humanista e educação voltada para o “bem” e o “melhor” do mundo.

A educação transmitida pelo Gonzaga sempre foi alicerçada no amor, quer na esfera dos educadores, quer na condição de educandos. Nossa educação sempre

foi sólida, comprometida com a cidadania, empreendedorismo e responsabilidade com o meio ambiente, com o ensino de qualidade e, principalmente, com o ser humano. Outro valor presente no Colégio Gonzaga é a alegria e a garra de aproveitar a vida e o estudo com determinação, através da participação em eventos educativos, artísticos, esportivos e de lazer. Todo Gonzagueano sempre tem um sorriso inconfundível nos lábios e sabe povoar qualquer ambiente com seu sorriso e sua vontade de vencer.

Para finalizarmos este encontro com os valores do Colégio Gonzaga, extraímos um trecho do hino do Colégio que muito traduz a alma Gonzagueana: "Gonzagas, avante com fé! Marchai! Segui!"

5.2. Psicopedagógicos:

5.2.1. Planejamento – No final do ano anterior é realizado o planejamento do ano letivo. No início das atividades é realizada a Jornada Pedagógica para os professores. Bimestralmente são realizadas reuniões de Conselho de Classe e sempre que necessário, reuniões com professores. A Coordenação Pedagógica tem com a Supervisão Educativa reuniões semanais para avaliação e planejamento das atividades pedagógicas. Semanalmente os Serviços e Supervisões participam de reunião com a Direção para avaliação e planejamento das atividades da escola.

As reuniões são pautadas pelo zelo aos valores e princípios do colégio e visam manter seus objetivos educacionais, reforçando ou planejando ações para que o Colégio cumpra sua Missão.

O Conselho Escolar fará reuniões anuais ou sempre que for convocado.

5.2.2. Ideologia:

No Gonzaga, nossos alunos recebem uma formação integral, na qual o foco do processo educativo está no desenvolvimento intelectual, cultural, social, ético e moral, ou seja, na formação do ser humano como um todo. E para tanto, nossa proposta pedagógica objetiva a perfeita união entre teoria e prática, assim como a integração social entre família, comunidade e escola. Assim se educa por inteiro, formando cidadãos.

5.2.3. Nossa Meta

Promover o desenvolvimento integral da pessoa e a transformação da sociedade através da educação humana e cristã, solidária e participativa.

Preparando-os para os desafios da vida e do novo que se descortina a todo o instante, exigindo criatividade e iniciativa própria.

5.2.4. Objetivo e Metodologia

Objetivamos o desenvolvimento integral do educando, nas dimensões físicas, psíquicas e espirituais, apresentando diversas sugestões de atividades que contemplam temas como ética, meio ambiente, pluralidade cultural, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo (propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais), estimulando assim o desenvolvimento da autonomia e independência responsável.

Os professores, conjuntamente com os educandos, têm a oportunidade de abrir discussões sobre esses temas e vivenciá-los dentro e fora do Colégio, contribuindo para a formação cristã, criativa e crítica dos futuros cidadãos.

A metodologia utilizada é a de pesquisas e projetos que, de forma interdisciplinar, enfatiza os pilares da UNESCO, pois defendemos a idéia de que nesta faixa etária é importante articular esforços para que as crianças e jovens aprendam a conhecer, a fazer, a conviver, a ser e a transformar.

Desta maneira, as propostas e as práticas pedagógicas contemplam o lúdico, as relações prazerosas da alteridade, permitindo que os educandos possam expressar-se, apostando em suas capacidades e propondo situações que levam ao conhecimento real e local, o que ampliará a sua visão doméstica, escolar, regional, nacional e planetária.

5.2.5. Intenção Pedagógica:

Segundo Perrenoud, o principal papel da escola é de preparar o educando a mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações, etc.), para que sejam capazes de solucionar com êxito as situações que a sociedade moderna lhes impõe. Isso significa abordar o currículo por competências. A escola que se preocupa em formar competências cria oportunidades para os alunos, de mobilizar saberes, transferi-los para situações de uso, porque compreende que é preciso trabalhar e treinar a transferência e a mobilização de conhecimentos.

O Colégio Gonzaga visando uma educação por competências, desenvolve um conjunto de programas, avaliados e programados anualmente, conforme detalhado no Plano Global. Constituem a base dos programas, o Programa bilíngüe e o programa de educação ambiental.

Nas sociedades contemporâneas, a informação e o conhecimento estão disseminados de várias formas e meios, sendo o Inglês a língua mais utilizada – definitivamente o idioma do mundo globalizado. Nesse aspecto, é fundamental que o educando possua domínio das habilidades de leitura, escrita e principalmente da habilidade comunicativa, que o auxiliem a compreender e organizar uma infinidade de informações.

De forma complementar a uma proposta de qualificação do ensino de Inglês, o Gonzaga oferece o grupo de exames TOEFL aos alunos em 3 níveis, no 5º e no 9º anos do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio.

O TOEFL (Test of English as a Foreign Language) certifica os níveis de Inglês no próprio Colégio, sem custo aos pais.

O Programa de Educação Ambiental desenvolvido através de ações internas no Colégio, em ambientes virtuais e com a promoção de eventos desafiadores que estimulam os alunos a assumir atitudes cooperativas, capazes de despertar mudanças de hábitos e estilos de vida.

Seguindo a ideologia de Morin, o tema principal do Programa será definido anualmente no Plano Global, tendo sempre como foco a formação de cidadãos conscientes de como suas ações individuais afetam o entorno e fomentando uma postura crítica que resulte em iniciativas transformadoras nos alunos e em suas famílias.

5.2.6. Proposta Pedagógica

A Proposta Pedagógica do Colégio Gonzaga:

5.2.6.1. Na Educação Infantil considera o tempo de construção interna do conhecimento do aluno e procura relacionar e ajustar aquilo que ele já sabe a um novo saber que se integra a seu pensamento.

Valoriza o estímulo ao convívio em grupo, a autonomia, o respeito à construção da identidade da criança e o desenvolvimento de hábitos de cuidado pessoal.

Oferece dinâmicas variadas, com diversidade de materiais, jogos, músicas, brincadeiras e aplicativos na busca do desenvolvimento das inteligências múltiplas da criança, promovendo capacidades tais como:

Linguagem e comunicação

Comunicação oral

Interessar-se pela leitura

Familiarizar-se com a escrita

Expressão e apreciação artística

Ampliar o conhecimento de mundo e de cultura

- Produzir trabalhos de arte
- Desenvolvimento pessoal e social
 - Ter uma imagem positiva de si, ampliando sua autoconfiança
 - Identificar e enfrentar situações de conflito, utilizando seus recursos pessoais, respeitando as outras crianças
 - Valorizar ações de cooperação e solidariedade
 - Adotar hábitos de autocuidado, valorizando as atitudes relacionadas com a higiene, alimentação, segurança e cuidado com o corpo
- Exploração e conhecimento de mundo
 - Explorar o ambiente
 - Interessar-se e demonstrar curiosidade pelo mundo social e natural
 - Estabelecer relações entre o meio ambiente e as formas de vida
- Corpo e movimento
 - Familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, desenvolvendo cada vez mais uma atitude de interesse e cuidado com o mesmo
 - Ampliar as possibilidades expressivas do movimento
 - Deslocar-se com destreza progressiva no espaço ao andar, correr, pular, etc., passando a explorar força, velocidade, resistência, conhecendo gradativamente os limites e potencialidades de seu corpo
- Relações matemáticas
 - Estabelecer aproximações com algumas noções matemáticas, como contagem, relações espaciais etc.
 - Reconhecer e valorizar os números, as operações numéricas, as contagens orais e as noções espaciais
 - Comunicar ideais matemáticas, hipóteses e resultados encontrados nas situações-problema
 - Ter confiança em suas próprias estratégias e em sua capacidade para lidar com situações matemáticas

5.2.6.2. No Ensino Fundamental objetiva promover a aprendizagem das várias áreas do conhecimento e desenvolver as habilidades do aluno para que ele seja agente da construção do seu conhecimento. Destaca-se pela ênfase no

domínio da linguagem e pela educação em valores. Levando em conta o desenvolvimento conceitual e a construção dos saberes, a partir do treino de habilidades, integra a construção do conhecimento significativo à interação social. Traz um programa de exercícios e seções voltado para o desenvolvimento de habilidades que permitirão aos alunos tornarem-se usuários críticos e conscientes das diversas áreas do conhecimento, tais como:

- Habilidades emocionais – trabalham-se temas como autoconhecimento, autocontrole, motivação, autoestima, empatia e comprometimento, estimulando o aluno a identificar suas emoções e a expressá-las de forma saudável.
- Habilidades intelectuais – levam o aluno a entender e assimilar as informações que recebe, exercitando sua capacidade de produzir conhecimento.
- Habilidades matemáticas – levam o aluno a manejar com mais eficiência a informação matemática, estimulando a resolução de problemas, análise do contexto e desenvolvimento de estratégias de resolução.
- Habilidades de leitura – permitem ao aluno compreender as variedades linguísticas e interpretar o uso social da Língua Portuguesa, promovendo o desenvolvimento da competência leitora.
- Habilidades e técnicas de estudo – por meio de atividades específicas levam o aluno a se organizar e a tornar seu estudo mais eficaz.

5.2.6.3. No Ensino Médio favorece um processo permanente de fortalecimento de competências pessoais, que são o princípio norteador do novo Enem. Apresenta uma estrutura flexível e modular viabilizando a preparação para PAVE e Enem.

Estruturada de modo dinâmico e eficiente, apresenta a síntese teórica dos assuntos mais frequentes nos vestibulares. Após o estudo da teoria, são propostos exercícios de:

Retomada do conceito – extraídos de vestibulares, reforçam o que foi estudado em cada capítulo;

Exercícios de integração – extraídos de vestibulares e do Enem, exploram todos os temas abordados nos capítulos que compõem o módulo;

Exercícios dos Conceitos – fazem uma revisão dos principais assuntos tratados no capítulo.

Para tanto, com o foco no aprofundamento da formação de competências, através do desenvolvimento de:

- Aquisição de conhecimentos científicos
- Emprego de conceitos como ferramentas de interpretação de mundo, capacitando o indivíduo com habilidades necessárias para sua realização como ser humano, em um processo permanente de fortalecimento de competências pessoais
- Domínio de diferentes linguagens, condição essencial para a interação com o mundo que o cerca.
- Reconhecimento das transformações econômicas, sociais, políticas e culturais produzidas pela ação humana, tanto na organização do espaço quanto ao longo dos processos históricos.
- Refletir sobre os fenômenos físicos, os processos químicos e as interações biológicas que ocorrem no mundo à sua volta, preparando-se para avaliar os impactos da tecnologia e da ciência sobre o indivíduo, a sociedade e a natureza.
- Organizar informações, induzir, deduzir e refletir sobre situações do cotidiano para resolução de problemas, permitindo assim que ele faça a ponte entre as competências matemáticas e os conteúdos da disciplinares.

VI – Avaliação da aprendizagem por competências.

6.1. Princípios básicos:

No processo educacional, a avaliação é um recurso gerador de diagnósticos que orientam os gestores da escola na tomada de decisões, bem como os professores em suas intervenções pedagógicas. De posse de informações e análises, é possível subsidiar decisões, determinar mudanças de estratégia, promover melhorias no ensino e intervir com segurança na continuidade do trabalho pedagógico.

É prevista uma avaliação diagnóstica dos alunos já no começo do ano letivo, fornecendo à escola e à família importante ferramenta de atuação pedagógica. É

realizado um mapeamento sobre metacognição, técnicas de estudo e das habilidades: emocionais, intelectuais, de leitura e de matemática. Com esse diagnóstico em mãos, o poder de atuação da escola em relação às demandas de aprendizagem dos alunos torna-se mais eficaz.

A família por sua vez também terá acesso à avaliação e poderá conhecer as potencialidades de seu (a) filho (a).

6.2. Acompanhamento e registro:

A avaliação é processo contínuo, que traça um diagnóstico das dificuldades e facilidades encontradas pelo educando durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Ocorre bimestralmente, realizada através de instrumentos diversificados não havendo retenção dos alunos do 1º para o 2º ano do Ensino Fundamental. Do 2º Ano do Ensino Fundamental ao 3º Ano do Ensino Médio o aproveitamento do aluno é determinado através de média aritmética dos quatro bimestres, em escala decimal, regulamentada pelo Regimento Escolar, na forma da Lei de Diretrizes e Bases e de acordo com Resoluções do Conselho Estadual de Educação, para cumprir seus efeitos legais.

O Colégio Gonzaga, considerando as necessidades e possibilidades de seus alunos, desenvolverá um atendimento especial para com os alunos que apresentarem deficiência e transtornos globais do desenvolvimento, emitindo parecer descritivo relativo à avaliação do processo de aprendizagem, apontando as habilidades e competências desenvolvidas.

Bimestralmente aos responsáveis será emitido um boletim informando as notas dos alunos a partir do 2º Ano do Ensino Fundamental, enquanto que para a Educação Infantil e 1º Ano do Ensino Fundamental as informações serão fornecidas através de portfólio.

VII – Organização Administrativa:

7.1. Da Formação de Turmas:

A escola está organizada por nível de adiantamento constituído pela Educação Infantil com turmas de Maternal A, Maternal B, Pré A e Pré B, em que deve ser levado em consideração o desenvolvimento integral da criança e sua idade; Pelo Ensino Fundamental, constituído por 9 Anos e o Ensino Médio constituído de 3

Anos, em que as turmas são organizadas levando em conta o desenvolvimento intelectual e a idade dos educandos. Prioriza-se o Educação Infantil e Ensino Fundamental, séries iniciais no turno da tarde, enquanto que o turno da manhã são atendidos os alunos do Ensino Fundamental, séries finais e Ensino Médio. Alterações podem ocorrer em decorrência da necessidade do Colégio e conveniência da comunidade escolar, respeitando as exigências legais relativo ao número de alunos por turma/ espaço físico, bem como o de profissionais para o devido atendimento.

7.2. Do ambiente físico:

7.2.1. As salas de aulas – constituem um ambiente digital capaz de promover no processo de ensino e aprendizagem uma cultura de troca, participação e maior interatividade. Proporciona o desenvolvimento de novas capacidades e processos cognitivos nos alunos a partir de múltiplas experiências, em que os alunos utilizam: histórias animadas, livros musicais, jogos educativos, galerias animadas, biblioteca de áudios, biblioteca musical, oficinas multimídia, entre outras ferramentas digitais.

A sala de aula com TVs 42”, conta com um projetor sonoro e uma lousa digital, para que o professor possa manter o livro digital permanentemente no quadro durante sua explanação para poder alternar a sua escrita no quadro com os aplicativos existentes no Ipad do professor. O Ipad do professor projeta o livro digital no quadro através do projetor sem fio.

7.2.2. Pracinha Infantil – No térreo, a Educação Infantil tem disponibilizada uma praça infantil, devidamente cercada, com brinquedos programados para atender ao desenvolvimento espacial, da criança, habilidades psicomotoras bem como a socialização na interação das crianças orientadas pelas professoras

7.2.3. Salas especializadas – O Colégio Gonzaga disponibiliza espaços especializados para atividades diversas dos alunos, tais como Ginásio coberto, Teatro, Multimídias, Convivência, Dança, Judô, CTG, Canchas Poliesportivas, Capela, Salas Inteligentes, Laboratórios de Química, de Física, de Biologia, Pavilhão de Ginástica Artística.

7.2.4. Ferramentas pedagógicas – Como parte do programa pedagógico são oferecidos para uso diário dos alunos iPads, ferramenta que viabilizará inúmeras atividades pedagógicas, facilitando a visualização de conteúdos cognitivos e estimulando atividades cooperativas e o desenvolvimento de projetos. O professor

poderá durante o trabalho dos alunos no Ipad projetar a imagem do trabalho de qualquer aluno na lousa digital através do comando existente no seu Ipad. O aluno poderá acessar com facilidade outros objetos de aprendizagem por meio do iPad:

- Biblioteca de áudios
- Vídeos
- Simuladores de experimentos
- Aplicativos
- Jogos
- Galerias Animadas

O iPad enquanto ferramenta pedagógica facilita a visualização de conteúdos, permitindo a interação do aluno com os conceitos a serem apreendidos. O acesso aos diversos aplicativos em contextos criativos mantêm o aluno atento e motivado durante a realização das atividades propostas.

7.3. Ocupação das Salas de Aulas:

Preferencialmente as turmas da Educação Infantil ocupam as salas do Térreo e 1º Pavimento, as turmas do Ensino Fundamental e as do Ensino Médio as do 1º, 2º e 3º Pavimento, ou conforme necessidades do Colégio, atendendo à disposição legal quanto ao número de alunos por m².

Quadro demonstrativo das salas de aulas e sua metragem

Nº SALA	medida	Nº SALA	medida			Nº SALA	medida
01	51,17	10	43,90	20	62,08	EI	
02	43,90	11	45,40	21	63,20	EI	
03	45,40	12	45,40	22	45,40	EI	
04	45,40	13	63,20	23	42,40	EI	
05	63,58	14	45,40	24	34,85	EI	
06	45,40	15	42,40	25	74,53	EI	
07	42,40	16	45,40	26	74,53	EI	
07	42,40	17	51,46	27	80,95	EI	
08	45,40	18	43,90	28	88,30	EI	

09	51,46	19	45,40	EI	----	EI	
----	-------	----	-------	----	------	----	--

7.4. Equipe Multiprofissional:

O Colégio Gonzaga conta com uma equipe multiprofissional, devidamente habilitada para as funções que desempenha. A relação nominal consta do Plano Global, construído anualmente pela comunidade gonzagueana, em conformidade com a Legislação vigente, bem como suas atribuições.

7.5. Referências deste projeto:

ARROYO, Miguel. Construção da proposta político-pedagógica da rede municipal de Belo Horizonte. In: Espaços da escola. Ano 4, n. 13. Ijuí, Unijuí, 1994.

GARDNER,

KLINGELFUS, Nora Lúcia. A rede dos saberes que se entrelaçam. (xerox)

MORIN,

PERRENOUD

SANTIAGO, Anna Rosa F. Projeto político-pedagógico da escola: desafio à organização dos educadores. In: VEIGA, Ilma P. A. (org.) Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1996.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1983.

TENTOR, Sônia Bastos. Projeto político – pedagógico: pressupostos básicos que devem nortear a estruturação da proposta. In: Revista do Professor. POA, 16 (62), p. 43-44, abr/jun 2000.

UNO INTERNACIONAL – Material Informativo e Didático através do Site UNOI, Brasil

VEIGA, Ilma P. A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma P. A. (org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1996.

ANEXO 2: Estatuto Disciplinar

POLÍTICA DISCIPLINAR DO COLÉGIO GONAGA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

I. DIREITOS DOS ALUNOS

II. DEVERES E RESPONSABILIDADES DOS ALUNOS

III. FALTAS DISCIPLINARES

IV. MEDIDAS DISCIPLINARES

V. RECURSOS DISCIPLINARES ADICIONAIS

VI. CONDUTA EM AMBIENTE ESCOLAR

VI.I PROCEDIMENTOS NA SALA DE AULA

VI.II PROCEDIMENTOS NOS AMBIENTES ESCOLARES

INTRODUÇÃO

A instituição escola caracteriza-se por um espaço ordenado e controlado, onde as diferentes atividades pedagógicas se efetivam, respeitando uma rotina e uma dinâmica estruturada de acordo com as normas organizacionais. Estas normas fazem parte da *política disciplinar* da escola as quais devem assegurar um ambiente socialmente saudável à formação e à aprendizagem.

A *política disciplinar* escolar deve ser entendida como um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado escolar tenha êxito. As regras são espécies de instruções que orientam a conduta dentro do ambiente escolar. Uma das características do conceito de regra é a de **regularidade**, isto é, algo que acontece de uma maneira determinada e que deve ser repetido em qualquer circunstância. Outro aspecto determinante da regra é o **respeito** que se tem por ela. As regras devem ser percebidas não apenas como **obrigações**, mas também, como **direitos**.

O Colégio, por meio desta política, busca promover o ajustamento dos educandos à sua comunidade, tornando-os cientes de seus direitos e deveres. Na repreensão à indisciplina, o Colégio adotará sempre o emprego de medidas

educativas, procurando levar o educando conscientização de que se responsabilizar pela falta cometida já é um passo para evitá-la no futuro.

Enfim, como parte integrante da missão de educar, a equipe gestora, professores, funcionários devem esclarecer divulgar e observar as regras de comportamento e convivência. A *política disciplinar* é um instrumento de orientação permanente que deve ajudar a descobrir e cultivar valores de convivência, garantindo a eficácia do processo ensino e aprendizagem.

I. DIREITOS DOS ALUNOS

A escola é um espaço em que se exerce a cidadania e, por isso, é importante que todos conheçam os seus direitos e deveres fundamentais.

São direitos do aluno:

- I – usufruir de ambiente de aprendizagem apropriado e incentivador;
- II – valer-se da Biblioteca, Laboratórios (com acompanhamento do professor) e equipamentos em geral, a fim de ampliar sua cultura e aprimorar-se no uso de técnicas de estudo e pesquisa, dentro do horário e segundo a programação do Colégio;
- III – frequentar, além das aulas regulares, as sessões destinadas a trabalhos complementares, oficinas de estudo e aulas de recuperação paralela;
- IV – ter todas as aulas estabelecidas no calendário escolar;
- V – frequentar as atividades extraclases, sociais e cívicas, religiosas, culturais e recreativas promovidas pelo Colégio;
- VI – expor dificuldades encontradas na aprendizagem e receber atendimento adequado, procurando o setor competente;
- VII – ter acesso à orientação e vivência da Fé;
- VIII – prestar provas no tempo previsto (data) ou fora dele, desde que observe as normas para o caso;
- IX – ter ambiente favorável em sala de aula, tanto para o bom êxito acadêmico quanto para a formação integral;
- X – ter apoio pedagógico do Colégio em atividades esportivas, artísticas e/ou culturais oficiais devidamente comprovadas;
- XI - ter acesso à ficha atitudinal mantida pelo Colégio;
- XII – organizar, promover e participar de grêmios estudantis;

XIII – estudar em um Colégio limpo e seguro;

XIV – receber atenção e respeito de colegas, professores, funcionários do Colégio.

XV – manter-se informado sobre seu progresso escolar: nota de provas, trabalhos, exames, simulados etc;

XVI – ter garantida a confiabilidade das informações de caráter pessoal ou acadêmicas registradas e armazenadas pelo sistema escolar;

XVII – ser informado pela escola sobre as condutas consideradas apropriadas e quais as que podem resultar em sanções disciplinares, para que tome ciência das possíveis consequências de suas atitudes.

II. DEVERES E RESPONSABILIDADES DOS ALUNOS

I – zelar pelo nome do Colégio, procurando honrá-lo com conduta irrepreensível e com o cumprimento dos deveres escolares;

II – ter consciência da Proposta Educativa do Colégio;

III – respeitar as diversidades de religião, cultura, etnia, gênero, faixa etária, socioeconômico, existentes no contexto do Colégio;

IV – comparecer pontualmente às aulas e a outras atividades promovidas pelo Colégio;

V – dirigir-se ao SCT (Serviço de Coordenação de Turno) quando infringir as normas do Colégio;

VI – manter-se atento às aulas e realizar as tarefas que lhe forem atribuídas por professores, dedicando-se ao estudo e à execução dos deveres escolares;

VII – tratar com respeito direção, professores e funcionários do Estabelecimento de Ensino;

VIII – apresentar-se com asseio e usar o uniforme adotado, mesmo em turno inverso;

IX – trazer somente o material escolar exigido na lista escolar e conservá-lo em ordem;

X – zelar pela limpeza e conservação do prédio, do mobiliário escolar e de todo material de uso coletivo;

XI – indenizar o prejuízo quando produzir danos materiais para o Estabelecimento ou em objetos dos colegas, de funcionários ou de professores, por meio de seus responsáveis;

XII – responsabilizar-se pelo material de uso pessoal;

XIII – manter pais ou responsáveis legais informados sobre os assuntos escolares, sobretudo sobre o progresso nos estudos, os eventos sociais e educativos previstos ou em andamento, e assegurar que recebam as comunicações a eles encaminhadas pela equipe escolar;

XIV – usar a agenda diariamente como documento, fazendo anotações pertinentes ao processo ensino-aprendizagem;

XV – solicitar prévia autorização da Coordenação Pedagógica para promover jogos, aniversários, excursões, coletas e/ou campanhas de qualquer ordem;

XVI – observar as disposições vigentes sobre entrada e saída das classes e demais dependências do Colégio.

III. FALTAS DISCIPLINARES

I – Ausentar-se das aulas ou do prédio escolar autorização familiar e do SCT;

II – Ter acesso, circular ou permanecer em locais restritos do prédio escolar;

III – Utilizar, sem a devida autorização, computadores, aparelhos de fax, telefones ou outros equipamentos e dispositivos eletrônicos de propriedade do colégio;

IV – Ocupar-se, durante a aula, de qualquer atividade que lhe seja alheia;

V – Comportar-se de maneira a perturbar o processo educativo, como, por exemplo, fazendo barulho excessivo em classe, na biblioteca ou nos corredores do colégio;

VI – Desrespeitar, desacatar ou afrontar diretores, professores, funcionários ou colaboradores da escola;

VII – Danificar ou adulterar registros e documentos escolares;

VIII – Danificar ou destruir equipamentos, materiais ou instalações escolares;

IX – Estimular ou envolver-se em brigas, manifestar conduta agressiva ou promover brincadeiras que impliquem risco de ferimentos, mesmo que leves, em qualquer membro da comunidade escolar;

X – Provocar ou forçar contato físico inapropriado ou não desejado dentro do ambiente escolar;

XI – Ameaçar, intimidar ou agredir fisicamente qualquer membro da comunidade escolar;

XII – Participar, estimular ou organizar incidente de violência grupal ou generalizada;

XIII – Apropriar-se de objetos que pertencem a outra pessoa, sem a devida autorização, ou sob ameaça;

XIV – entrar em sala de aula ou sair da mesma sem autorização do professor;

- XV – permanecer na sala de aula durante o intervalo de recreio e/ou término das atividades;
- XVI – promover, sem autorização da direção, coletas, rifas, dentro e fora do Colégio, utilizando o nome deste;
- XVII – impedir a entrada de colegas no Colégio e nas aulas ou concitá-los à ausência coletiva;
- XVIII – trazer para o Colégio materiais que ofereçam periculosidade aos colegas e/ou à Instituição;
- XIX – injuriar, difamar ou caluniar colegas, professores ou funcionários do Colégio bem como praticar contra eles atos de violência ou bullying;
- XX – praticar atos ofensivos à moral e aos bons costumes;
- XXI – divulgar, por qualquer meio de comunicação, assuntos que envolvam, direta ou veladamente o nome do Colégio, de professores ou de funcionários, sem autorização da Direção;
- XXII – utilizar-se de livros, de cadernos ou de outros materiais de colegas sem consentimento;
- XXIII – distrair a atenção dos colegas em aula, com objetos, gestos, palavras ou qualquer forma;
- XXIV – gravar, nas paredes, nos assoalhos ou em qualquer parte do Colégio, no mobiliário ou no material de uso coletivo, palavras, desenhos ou sinais;
- XXV – fumar e/ou fazer uso de bebida alcóolica em sala de aula e/ou em outras dependências do Colégio;
- XXVI – portar ou usar nas dependências do Colégio substâncias psicoativas ilícitas;
- XXVII – utilizar-se de meios ilícitos nas avaliações.

IV. MEDIDAS DISCIPLINARES

O não cumprimento dos deveres e a incidência em faltas disciplinares poderão acarretar ao aluno as seguintes medidas disciplinares:

- I – Advertência verbal com registro na ficha atitudinal do aluno;
- II – Retirada do aluno de sala de aula ou atividade em curso e encaminhamento ao SCT;
- III – Comunicação escrita dirigida aos pais ou responsáveis;

IV – Suspensão temporária de participação em visitas ou demais programas extracurriculares;

V – Suspensão por até 5 dias letivos;

VI – Suspensão pelo período de 6 a 10 dias letivos;

V. RECURSOS DISCIPLINARES ADICIONAIS

I – assinatura do termo de compromisso disciplinar juntamente com o responsável, por sugestão do Conselho de Classe e Serviços;

V – cancelamento de matrícula do aluno em casos graves de descumprimento às normas do Colégio:

- por julgamento do Conselho e dos serviços por cometer falta grave;
- por cometer falta após assinatura do termo de compromisso.

III – Boletim de ocorrência por:

- brigas com lesões corporais;
- vandalismo;
- intimidação aos professores e a outras pessoas do Colégio.

VII – Encaminhamento e notificação ao Ministério Público e/ou Conselho Tutelar por:

- omissão por parte da família.

VI. CONDUTA EM AMBIENTE ESCOLAR

VI.I PROCEDIMENTOS NA SALA DE AULA

- A maior força do professor, ao representar a instituição escolar, está em seu desempenho em sala de aula e, para poder ensinar, o educador necessita dominar o saber propriamente dito e conseguir transmiti-lo.
- Diante da diversidade de professores é importante que se adote um comportamento padrão de atitudes perante as situações de indisciplina. “esse uniforme protege a individualidade do professor”.
- Não podemos enquanto professores:
- Proteger determinado aluno em detrimento dos demais.
- Perseguir um aluno.
- Fazer uso de palavrões.
- Ficar impaciente, agressivo, gritar para que o aluno cale a boca.

- Empregar gestos ou expressões verbais que impliquem insultos ou ameaças ao aluno, incluindo hostilidade ou intimidação.
- Não dar ao aluno o direito de não entender o conteúdo.
- Emitir comentários ou insinuações de conotação sexual agressiva ou desrespeitosa.
- Apresentar qualquer conduta proibida pela legislação brasileira, sobretudo que viole a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Código Penal.

Cabe ao professor manter sua aula organizada e os alunos disciplinados. As ações que se efetivam na sala de aula são de responsabilidade do professor. Sua conduta deve ser sempre de educação e atenção; não banalizar atitudes desrespeitosas e/ou até mesmo ignorá-las.

É dever de todo professor:

I – Tratar de forma justa e cordial os alunos e demais integrantes da escola.

II – Registrar as ausências, temas e trabalhos não realizados na ficha espelho.

III – Proibir o uso em sala de aula de equipamentos eletrônicos como telefones celulares, pagers, jogos portáteis, tocadores de música ou outros dispositivos de comunicação e entretenimento que perturbem o ambiente escolar ou prejudiquem o aprendizado.

IV – Não permitir a entrada do aluno após o sinal.

V – Não permitir a entrada do aluno com lanches em sala de aula.

VI – Não permitir ao aluno comer, EM SALA DE AULA, balas, pirulitos etc em sala de aula.

VII – Compartilhar com a direção da escola informações sobre questões que possam colocar em risco a saúde, a segurança e o bem-estar da comunidade escolar.

VIII – ENCAMINHAR – quando não conseguir gerenciar o conflito ou julgar que o mesmo deve receber atenção especial, sempre ao SCT.

IX – REGISTRAR – na ficha espelho a situação de indisciplina ocorrida.

X – Retirar o aluno de sala de aula por motivos concretos e sérios, encaminhando-o ao SCT para realização de atividades. Estas atividades são de responsabilidade do professor.


PROCEDIMENTOS NOS AMBIENTES ESCOLARES

Garantir o cumprimento das normas estabelecidas na Política Disciplinar é o principal papel do SCT.

- Cabe ao SCT cuidar da disciplina em todos os ambientes do Colégio. Devendo sempre:
- Verificar junto ao professor o motivo de saída do aluno da sala de aula.
- Impedir que alunos estejam fora da sala de aula sem autorização do professor.
- Registrar na ficha do professor e do aluno a ocorrência.
- Fazer registro no sistema (parecer atitudinal do aluno) das ocorrências, diariamente.
- Aplicar atividades ao aluno, quando este é retirado de aula ou impedido de assistir a mesma.
- Aplicar medida disciplinar cabível.
- Controlar e impedir atitudes de indisciplina nos corredores e demais ambientes do Colégio.
- Preencher na ficha de registro os atendimentos realizados e apresentá-los à supervisão educativa.

ANEXO 3: Roteiro da Roda de Conversas, ações realizadas nos dois turnos, manhã e tarde





Indisciplina

1. O que é conflito?
2. O que é (In)disciplina?
3. Como é um aluno disciplinado?


Colégio
Gonzaga



MURO DAS LAMENTAÇÕES

O que me impede de realizar uma aula significativa? Registrar tudo o que desgosta...


Colégio
Gonzaga



ÁRVORE DOS SONHOS

Como alimentar um ambiente saudável, uma aula prazerosa?

Colégio
Gonzaga



PLANO DE AÇÕES

Qual minha meta para o próximo semestre? Quais os meus objetivos?

Colégio
Gonzaga

PODER DAS PALAVRAS

Uma palavra pode marcar alguém para o resto da vida. A criança, por conta da sua sensibilidade, é mais susceptível às palavras. Uma palavra dita para uma criança pode determinar seu futuro. O nosso subconsciente, ao determinar algo como verdadeiro, cria leis mentais que tentará cumprir à risca. Nossa responsabilidade com o uso das palavras é imensa. Através delas construímos tanto as nossas vidas, quanto afetamos a vida alheia.

Colégio
Gonzaga

- Sugestões de rodas;
- Autoavaliação.

Colégio
Gonzaga

Coruja: Sabedoria

